

A BUENADICHA.

COMEDIA DRAMA EM DOUS ACTOS, UM PROLOGO E UM EPYLOGO

POR

SABBAS DA COSTA.



SAN'LUIZ:

Typ. do—Progresso—rua da Paz, 4 A.
Impresso por B. de Mattos.

1862.



14.812

1959

A

MEU BOM IRMÃO E AMIGO O SR.

IGNACIO FRASÃO DA COSTA,

EM SIGNAL DE ESTIMA.

O. C. D.

O Autor.

PERSONAGENS.

JOÃO MAUNCIO.

JULIO MAUNCIO.

D. MARIA MAUNCIA.

ANTONIO DE SEIXAS.

D. ROSA DE SEIXAS.

D. ANGELICA CASIMIRA.

ELEUTERIO DE LIMA.

EDUARDO NOGUEIRA.

PAULO DOS SANTOS.

JOSÉ DE MENDONÇA.

LUIZ CLARO.

ARTHUR GUIMARÃES.

SIMPLICIO MORAES.

ESMERALDA.

CARLOTA.

THOMÉ (*moleque negro.*)

(A scena passa-se em Maranhão em 1859 a 1860.)

PROLOGO.

AS PROPHECIAS.

Sala de uma casa de rapaz solteiro, com privilegio de casa de jantar, gabinete de estudo, quarto de dormir e toilette. Estantes com livros e louça; mesa com preparos de escripta; chinellos espalhados pelo chão; roupa pelas cadeiras; uma mesa preparada para jantar, no centro da sala; nos cantos dos fundos duas redes armadas; uma azul outra branca. De um lado janellas, do outro portas e uma porta no fundo que deita para um corredor; é a entrada geral. Pelas paredes veem-se armas de caça, pistolas e pelles de aves, cornetas, turbantes & &. São 3 horas da tarde.

SCENA 1.^a

Eleuterio, sentado na rede branca com as pernas cruzadas em forma oriental, fumando um comprido cachimbo do Pará, e lendo um livro. Depois de alguns instantes de silencio, falla.

Gosto muito desta lucta constante, entre a tia Galatêa e o mano Mauricio. São duas partes excellentes da comedia do dr. Macedo—«*O Fantasma Branco.*»—Faz rir ao homem mais sisudo. Chego até a esquecer-me dos freguezes de escravos e dos amigos que espero. É lucrativo este negocio de carne humana, mas tem seus conformes, seus riscos, suas traves. Eu agora estou á espera das cartas do Rio de Janeiro; veremos o que me manda dizer o meu correspondente. O vapor ja deve ter fundeado; e se elle fosse o portador de hõas contas de venda..... Comprar e vender escravos torna o homem mau, petrifica-lhe o coração, galvanisa-lhe a alma, não sendo mais susceptível de compaixão! Torna-se como o medico, que familiarisa-se com a morte do proximo. O negociante de escravos está afeito ás lagrimas, vê correr muitas, e não sente pulsar-lhe o coração agitado. O governo é o culpado; por que não fecha os olhos ao trafico? O que tem elle de importar-se com o *bel Alberden*? Ai de mim! Os queixumes seriam na costa d'África, não nos nossos ouvidos, mas elles existirão sempre. A lavoura do Rio de Janeiro, carece, e sente falta de braços; o caffè tem uma extracção espantosa; por tanto gema quem gemer, os escravos supprem a muitos ramos de commercio, e as

lgrimas que se enxuguem. Bem sei que o Maranhão hade para o futuro sentir a falta de braços, mas será tarde para a lavoura, e a culpa não é minha; compro a quem vende, nada mais. (lê) «O Sr. capitão Tiberio.» (*representando*) Este capitão é um fiel modelo dos officiaes da Guarda Nacional. (*batem á porta*) Quem será? (*alto*) Ó! vós quem quer que sejaes, mortal ou deusa, levantai o bedelho e penetrai neste sanctuario.

SCENA 2.^a

Eleuterio e Moraes.

MORAES (*pela porta do fundo*).—Com sua licença.

ELEUTERIO (*deixando a rede*).—O Sr. Simplicio de Moraes!

MORAES.—Creado de v. s., a quem Deus guarde por muitos annos.

ELEUTERIO (*tirando a roupa de uma cadeira e offerecendo-a a Moraes*).—Meu amigo, sente-se, não repare no modo esdruxulo, por que o recebo. O meu Thomé, foi comprar palitos e fez vispora até agora, tendo sahido as 11 horas. Sente-se, nada de etiquetas, esta casa é a verdadeira arca de Noé. É uma casa escolastica... Então, não toma assento? Não posso saber a que devo a visita de v. s.^a

MORAES (*atrapalhado*).—Oh! por quem é... Sr. Eleuterio... não faça ceremonias... a demora é pouca...

ELEUTERIO.—Mas assim de pé encommoda-me. Abanque-se e não faça caso desta anarchia de cousas, que está vendo; isto é muito natural em casa de rapaz solteiro. Aqui Sr. Simplicio, tudo anda em republica; entre os moveis e a roupa, existe o verdadeiro communismo, a igualdade bem pensada e a fraternidade como os francezes almejarão na epocha de Luiz XVI. Falta-me uma mulher, uma Eva que console este Adão. Uma cara metade para conter a ordem, a disciplina, e dar leis sobre estes revolucionarios objectos que nos cercam. Uma mulher, Sr. Moraes, é um traste bem necessario em uma casa, mas custa muito caro.

MORAES (*sentando-se*).—Algumas... Algumas... (*á parte*) Se elle quizesse uma das minhas filhas.

ELEUTERIO.—Entremos em materia; deixemos questões de interesse secundario; ainda que seja baldia antiga dos homens de tribuna, perderem o tempo em cousas futeis. O que determina? As 3 horas da tarde v. s.^a procurar-me....

MORAES.—Venho offerecer-lhe uma pechincha... uma cousa de valor e de pouco dinheiro.

ELEUTERIO.—Será algum bilhete de loteria? O Sr. Moraes suppõe, ou sonha tirar a sorte grande?

MORAES.—Não senhor.

ELEUTERIO.—Não vejo o que custe tão pouco para ganhar-se muito, além de um bilhete com a sorte grande.

MORAES.—Eu não sou agiota, não negocio em cautellas de loteria, o que venho offerecer-lhe é uma flor africana de raça pura.

ELEUTERIO.—Comprehendo agora. Trata de vender algum negrete?

MORAES.—É verdade. Tenho um molecote... lava-se com um bochecho d'agua?

ELEUTERIO.—Tal seja o bochecho...

UMA VOZ (*fôra*).—Ê pacova! pacova macia!...

ELEUTERIO (*indo á janella*).—O' tia de bananas!... entre... ali (*assubia*). E o Thomé sem chegar. (*para Moraes*) Com licença. (*vai á porta do fundo e entra com uma penca de bananas*) Não é caro por certo. Cento e vinte reis por uma porção de frutas, grandes, gostosas e sem caroço!... (*pondo em um prato á mesa*) É uma das frutas de minha paixão... sou mesmo um macaco por bananas. Como hiamos conversando; Sr. Moraes, o molecote que idade tem?

MORAES.—Seus 23 a 24 annos. Que figura! Foi talhado para ser um cacique africano!

ELEUTERIO.—É algum valentão... faquista... de má indole... desobediente ao Sr. Moraes... perdeu-lhe o respeito. Seja franco... É um tratante de marca grande?...

MORAES.—Pelo contrario. É muito fiel e obediente. Manso, como um cordeiro, e fiel! Oh! fiel, como um thesoureiro de Irmandades! Servical como um pretendente! e trabalha mais do que uma dusia de certos empregados publicos!

ELEUTERIO.—É um portento! Então porque disfaz-se d'elle?

MORAES.—Ora essa!... Tenho necessidade de dinheiro. O Sr. Eleuterio sabe que tenho duas filhas, dous penhores que me deixou a minha defunta e sancta mulher. Sabe mais, Sr. Eleuterio que vão festejar o dia da nossa, digo, da independencia do Maranhão, com tres grandes bailes, em palacio. Como sejam elles nos dias 27, 28 e 29, e nós estamos a 16, só tenho 12 dias para arranjar o necessario para as pequenas se não apresentarem inferiores as outras e para que appareção dignas de si, de mim e do dia 28 de Julho.

ELEUTERIO.—E o Sr. vende o seu escravo para... Que nome tem elle?

MORAES.—Manoel, crioulo, sem vicios e defeitos, physicos ou moraes, cobertos ou descobertos.

ELEUTERIO.—E o vende para com o producto da venda comprar o necessario para as suas filhas irem tafular aos bailes!

MORAES (*levantando-se*).—E' verdade, meu caro Sr. Eleuterio, é verdade!

ELEUTERIO.—Faz muito bem... obra como um homem de muito juizo e tino. Eu, se estivesse no mesmo caso de v.s. procedia do mesmo modo, e muito principalmente depois que li o «Demonio Familiar» uma comedia sublime do dr. Alencar. O Sr. Moraes não sabe o perigo que corre um pai de familia com essa raça negra. Os moleques tomão liberdade, e servem até de Mercurio... de onze letras. Oh! e quem tem filhas... Venda o seu moleque... livre-se d'esse demonio, d'esse Satanaz de azeviche. Demais quando se tem... é para as occasiões!

MORAES.—V. S. compra-o?

ELEUTERIO.—Tem seus conformes. O vapor acaba de entrar, deve já ter remettido as malas e veremos as noticias do sul; se forem boas, comprarei o seu escravo, se pelo contrario... adeos negocio... Hoje espero alguns amigos que me vêm obsequiar commendo-me o jantar e bebendo o meu vinho; mas amanhã v. s. traga-me o moleque, que examinalo-hei. Verei se elle já foi surrado, se tem os olhos de itiricia, obstrucção, pés inchados, se é desdentado. Não se admire destas exigencias. Ellas são necessarias, porque emprega-se o capital em um genero, que, com a rapidez com que o vento apaga a luz de uma vela, a morte sequestra, e temos conversado...

MORAES.—Eu necessito decidir este negocio em poucos dias... bem vê que estamos a 16, e 12 dias passão rapidos, e seis vestidos não se apromptão em minutos.

ELEUTERIO.—Amanhã tudo se ha de arranjar. V. s. tendo dinheiro, o tempo sobeja-lhe.

MORAES.—Devo procurar-lhe amanhã? Mas é domingo!...

ELEUTERIO.—Eu compro escravos aos domingos, aos dias santos, e dias de serviço... todos os dias são uteis para mim.

MORAES.—Ainda bem... As minhas filhas hão-de brilhar muito. Até amanhã Sr. Eleuterio.

ELEUTERIO.—Traga o moleque para ser examinado.

MORAES.—Sim senhor, elle hade agradar.

ELEUTERIO.—E o preço que quer? Olhe que isso é o principal.

MORAES.—Não havemos de brigar.

ELEUTERIO.—Agora permitta-me que lhe offereça o meu jantar. Se v. s. quer honrar-me... dá-me muito prazer.

MORAES.—Obrigado. Estou convidado para jantar no convento do Carino. Já estive na festa da padroeira d'aquelle convento, e vou agora para a penitencia fradesca.

ELEUTERIO.—Como quizer. Se tiver mais algum escravo conte commigo.

MORAES.—Este é o ultimo. Já vendi todos quantos herdei, mas creia que os vendi, bem vendidos.

ELEUTERIO.—E empregou o capital em acções do Banco?

MORAES.—Não senhor. Tudo é pouco para sustentar certa posição na sociedade. Eu estou á espera de emprego rendoso, que me prometeu um nosso deputado geral, para quem trabalhei com dedicação desesperada nas ultimas eleições, e contando com a sua promessa, descanso nelle, em quem deposito inteira confiança.

ELEUTERIO.—Faz bem! . . . A historia eleitoral, a politica tem mostrado, com factos incontestaveis, que se esses Snrs. em geral, quando pedem, promettem muito, quando teem adquirido o desejado, esquecem ainda mais do que prometteram, com tudo ha honrosas excepções. Será bom que esse em quem tanto confia, não seja assim; seja a gratidão em regra!

MORAES (*despedindo-se*).—Até amanhã, Sr. Eleuterio.

ELEUTERIO.—Adeos, Sr. Simplicio Moraes, queira recomendar-me ao Revm.^o Provincial do Carmo, pessoa a quem tributo muito respeito e grande consideração. Aconselhe-se com elle a respeito do negocio que havemos de fazer amanhã.

MORAES (*saindo formalisado*).—Oh! tenho bastante juizo para me reger. (*sahe*)

SCENA 3.^a

Eleuterio (*fechando a porta com o trinco*).

Certamente o Sr. Simplicio Moraes é um pai de familia modelo. É o melhor espelho, em que todos se podem mirar, pois é muito melhor agoa do que os de Veneza. Para ostentar vaidade, precipita-se na miseria! Como panno de amstras, pretende apresentar suas filhas ao mundo, como ricas e bellas, e para isso quer occultar a sua pobreza nas dobras do manto da grandeza, e a figura de taes anjinhos debaixo das teteias francezas! Com as vestias da magnificencia, revestido da opulencia dos ricos, será por alguns momentos feliz, mas sempre desgraçado. Se derem novos bailes apoz esses de que falla, o que lhe restará para vender? Não possue mais escravos. . . O que fará? Como ha-de haver os re-

quifes, as flores, as sedas? A policia compete indagar então, e não eu. Desgracadamente; não é só o Sr. Moraes que tem obrado assim. Lembro-me de que, em 31 de Agosto de 1852, no Rio de Janeiro, deu S. M. Imperial um grande e pompôso baile aos representantes da Nação, ou dos interesses particulares de cada um, e sei que houvera pais, como o Sr. Simplicio Moraes, que vendêrão os ultimos escravos que tinham, para comprarem ao Waslesten, blonds e sedas, ao Dornarai, toucados e flores, a Mm. Guden, feitiços de vestidos, ao Dias, sapatos de setim, e nos melhores jardins, camelias por preços fabulosos, só porque a Marqueza de tal, a Condessa fulana, a Viscondessa sierana, a Sra. Baroneza & &..... levavão os mesmos adornos! Mas ah! depois do baile o lar domestico, depois da magnificencia de um baile Imperial, a realidade, a pobreza com todo o seu positivismo, e apoz o delirio, tarde chegou a razão! Essas familias que tanto figurárão nos ruidosos salões, confundida com as ricas e abastadas; que toda a noite entregárão-se ao frenezim de uma walsa voluptuosa, ao entrarem em casa, tiverão de fechar a porta, destoucando-se essas bellas a si mesmas, sem terem quem lhe fosse á fonte, no dia seguinte. Virão então a precisão cercal-as, sem mais recursos do que esses vestidos de seda enfeitados e algumas esperanças perdidas. (*senta-se na rede como estava no principio do acto*) Isso é o mesmo. Morra Marta e morra farta, e não deve meter-me agora em moralista (*assobia*). E o maldito moleque ainda não deu copia de si! (*gritando*) Thomé! oh Thomé! (*suspirando*) Em troca de fitas e flores ficarei com o molecote do Sr. Moraes. Sinto passos no corredor; alguém penetra no meu castello.

SCENA 4.^a

Eleuterio e José.

JOSÉ (*abrindo a porta entra*).—O que vejo! Está só?

ELEUTERIO.—Só, como um claustro de freira em alta noite. Espero pelos nossos amigos e de todos és o primeiro que me appareces.

JOSÉ.—Encontrei ao meio dia o nosso Julio no largo do Carmo. Ia apressado como se corresse atraz da amante que lhe roubárão.

ELEUTERIO.—Ia para o jogo então?

JOSÉ.—É verdade. Julio abafa no jogo uma magoa do passado, uma felicidade murcha, uma esperanza morta, que o

mortifica pungentemente. Elle pretende com uma paixão, malhar a outra, esquecer-se de uma desgraça nos braços da outra maior.

ELEUTERIO. — Porque não escreves uma Comedia n'esse sentido? Estás romantico.

JOSÉ. — Como uma velha namorada, bem sei, mas que vejo! Estás nessa rede como um Califa, ou um Pachá, um sultão em seus macios coxins. Esse gorro vermelho... esse chambre... essas chinellas encarnadas... esse cachimbo á turca! por Deos! Estás como um gram Mogol em seus palacios de fadas.

ELEUTERIO. — É balda velha dos brazileiros, não sabem comparar nada ás cousas do seu paiz! Não seria mais acertado, Juca, que me representasses como um tapuia em sua maqueira? Como um indigena em sua palhoça?

JOSÉ. — Estás muito prosaico hoje.

ELEUTERIO. — Meu caro Juca, se as saias balões fossem usadas e inventadas pelas indigenas, accreditas que estavam tanto em moda? E no entanto, é selvagem metter uma menina delicada, como um passarinho, dentro de umas gaiolas de aço, denominadas balões; mas a moda veio d'alem mar; chegou da Europa, é vinho de outra pipa. A todas as extravagancias que crião as cabeças dos fabricantes europeos dão o nome de modas, e ali temos todos usarem-nas! Acha-se logo um certo degagé... e assim, as usanças proprias dos paizes frios chegam-nos aqui no tempo do calor e nós sem mais *aquelle*, adoptamos, como te vejo agora coberto de lã, em um clima que o calor nos faz destilar continuamente copioso suor.

JOSÉ (*tirando o palitól, colete e chapéu.*) — Tens razão. És um verdadeiro fallacha! Não és foguete sem bomba, porque estouras como um tiro (*deitando-se na rede vazia*). Por te fallar em tiro, ouvistes o que deu, avisando a chegada do Vapor do Sul? O que virá do mundo velho para o mundo novo?

ELEUTERIO. — Da Europa nada me interessa, e sim tudo do Rio de Janeiro. Com as chegadas dos Vapores do Sul, sinto sensações que me incommodão. Tenho medo de más noticias.

JOSÉ (*espreguiçando-se na rede*). — Terás... te... rás boas novas... Meu Deos! tenho fome, ou somno? Como é verdadeiramente indigena esta cama! A preguiça não teria melhor invento para sua completa satisfação.

ELEUTERIO (*levantando-se e vai á estante metter o livro que estava lendo*). — Queres dormir, Juca? (*metendo o livro na estante*).

JOSÉ.—Se eu sonhasse! . . . Ai . . . ai . . . ai . . . (*bocejando*).

ELEUTERIO (*derrubando alguns pratos da estante*).—Santo nome de Deos! Que calamidade!

JOSÉ (*saltando fóra da rede*).—É algum terremoto?

ELEUTERIO.—A melhor louça da minha dispensa! O batalhão de reserva, a guarda de honra deste quartel, que esperava pelo toque de reunir para marchar ao fogo dos banquetes. . . Oh! pobres pratos! Se eu fóra poeta, sobre os vossos cacos recitaria uma óde lacrimosa como os olhos de uma viuva moça e rica. Ereis pó, em pó vos ides tornar. Juca vê... admira a minha desgraça e diz-me se ha dôr igual a minha?

JOSÉ.—Eu pouco importo-me com os teus pratos. Lastimo o somno que perdi no momento em que o tinha achado (*vai á janella*). Ah! vem Tónico e Lulú.

ELEUTERIO.—Hão-de chegar todos menos o meu moleque. Ah! tratante! Pilhou-se de botas, e como o gato, corre a cidade inteira.

SCENA 5.^a

Eleuterio, José, Antonio e Luiz.

ANTONIO.—Eu e Luiz não nos fizemos esperar.

JOSÉ.—Sem mais cerimonia.

LUIZ (*sentando-se na rede*).—Eleuterio, dá-me um charuto.

ELEUTERIO.—Ahi tens n'aquella caixa.

LUIZ.—(*para Antonio*).—Antonio dá-me um charuto d'ali. (*aponta para a caixa.*)

ANTONIO (*indo buscar o charuto*).—E fogo?

ELEUTERIO.—Ahi tens phosphoros.

ANTONIO.—Luiz, queres já o charuto acceso?

LUIZ.—Sim. (*Antonio accendo phosphoro e neste o charuto e fica fumando*) Eh! . . . então Tónico, o charuto é teu ou é meu?

ANTONIO.—É meu e é teu.

JOSÉ.—Viva a pandiga.

ELEUTERIO.—O que ha de novo do vapor?

LUIZ (*acendendo um charuto que tira da caixa*).—Nada, nada que pelo menos eu saiba.

ELEUTERIO.—Luiz! Meu Lulú! Lulú da minha alma! Tu que tens enquadernação para os tempeiros, que tens de cor e saltiado a arte culinaria; que dispões de um talento de fogão, que não é cinza, e como esta não se evapora, tu que em assados, guisados e fritangados. . .

ANTONIO (*deitando uma fumaça*).—Ados!

ELEUTERIO.—Que entendes do azeite, do vinagre, do sal, e

da pimenta. . . Oh! Lulú não faças feio, és um talento não vulgar, corre, vò, deixa a rede para os dorminhocos, e tem compaixão do jantar, que abandonado pelo moleque está entregue ao furor do fogo e dos gatos dos visinhos (*assobia*). Ouves? Thomé, o meu moleque foi comprar palitos, até agora. (*furioso*) Oh! raça degenerada de Caim! Bem faz o Sr. Simplicio Moraes em vender o unico que tem.

LUÍZ.—O Sr. Simplicio Moraes, o pai de D. Joaquininha e D. Clarinha!

JOSÉ.—D'esses dois demonios!

ANTONIO.—Ambas minhas namoradas.

JOSÉ.—É possível!

ANTONIO (*fumando*).—Quando não tenho *havanás* fumo d'estes.

TODOS (*rindo*)—Ah! ah! ah!

ELEUTERIO.—Lulú! Queres ver o assado reduzido a cinza? O guizado a carvão e esse jantar victima das chammas, como Cathargo! Como Troya? Queres o arroz queimado, como uma victima da inquisição, no auto da fé? A gallinha em brazas como S. Lourenço?

LUÍZ (*despindo o sobre-casaco*).—Está bem, Eleuterio, tens taes maneiras de convencer que pareces um deputado do governo, quando diz ao opposicionista: segue-me que terás tudo. Salvarei o jantar. (*sahé*).

SCENA 6.^a

Ditos (menos Luiz.)

JOSÉ (*mettendo-se na rede*).—Maldita louça que me despertou. Vamos ver-se consigo dormir para não morrer de fome. Quanto é agradável uma rede! (*Antonio conversa com Eleuterio*). Se eu possuísse um estro sublimado, um ingenho como o de Antonio José, Gonzaga, Magalhães, ou Dias, escrevia um poema á rede. Fazia versos de pés quebrados e inteiros; odes, quadras, decimas, sonetos e. . . .

ELEUTERIO (*para José*).—Como estás amestrado na nomenclatura da versalhada. *Escafrudetico* e *antipigrapho*, Juca, é o amor que falla em ti, ou a fome que te inspira?

ANTONIO (*deitando-se na outra rede*).—E o mais é que o Casusinha tem muita razão. O tapuia que inventou a rede,

está no céu. A rede é o Parnaso do Juca, seja ella o meu Pindaro. (*canta.*)

A rede é um elixir
Um narcótico saboroso
E' um opio delectoso
Que me faz logo dormir.
Vai a gente se deitando,
O somno logo apparece
E' gostoso e me parece
Voar aos céos embalando.

ELEUTERIO.—Belissimo! És um Baritono do cartello.

JOSÉ (*botando a cabeça fora da rede*).—Ou um gato miador.

ANTONIO.—És inimigo da musica! Oh! deves ser do vinho.

ELEUTERIO.—Do vinho! Deixa-me preparar as garrafas de Bordeaux, do fino Duque do Porto. (*sahe*)

SCENA 7.^a

José e Antonio

ANTONIO.—Não sei porque Eleuterio não faz annos ao menos uma vez cada semana; quem o priva disso? Confesso que assim como o doce nunca me amargou, a minha barriga não sente fome em jantando eu em casa alheia. Eu antes quero esta vida de rapaz pancada, do que aquella que Julio escolheu para si. Levar dias e noites as voltas com as cartas de jogar! Ganhar e perder, perder e ganhar! Oh! antes viver como Eduardo, só com o idialismo, do seu amor. Pobre Eduardo! Julio não o deixa pisar em ramo verde, corta-lhe todos os ff e rr, o ex-seminarista não tira boia. E o coitado está mordido pelo bicharoco que chamão amôr, não é verdade Juca? (*vendo que o charuto não deita fumaça*) Irra! Estarás apagado! Não, o indemoninhado tem mais buracos do que a flauta do Marinho! (*deita-o fóra*) Descança em paz. Mas, calúda... E o maroto não resomna como um estudante em vespas de exame, fiado nos empenhos! Temos que atural-o, quando despertar, inventa do pé para a mão um sonho mais longo e variado do que as *Mil e uma noites*! É uma balda sua sonhar sempre com aquillo que quer dizer a gente, de corpo presente. Alguem vem pelo corredor? Quem será que ataca a brécha? (*prepara-se para dormir*) finjamos que dormimos.

SCENA 8.^a

Ditos, Paulo e Eduardo.

PAULO.—Que vejo? É aqui a casa do Morpheu? E eu que julgava ter sido convidado para jantar! Enganei-me, foi para dormir. Eduardo, deita-te nessa rede, que eu atiro-me a esta aonde ronca o sonhador Juca.

EDUARDO.—Paulo, hoje não estou para risos, desculpa-me.

ANTONIO (*botando a cabeça fóra da rede*).—O que dizes, namorado sem ventura? Chichisbéo do bello sexo! Petéca de D. Mathilde!

PAULO (*mettendo-se na rede de Juca*).—Juca! Juca! Eu sou Phobertor. . . venho auxiliar-te! Corri em teu soccorro.

JOSÉ (*sahindo da rede*).—Tu és o verdadeiro Plutão! Maldição sobre ti, sobre toda a louça que se quebrou, para perturbar o somno da innocencia que eu dormia. Foste a luz que veio dissipar as trevas, em que eu sonhára ver com os olhos da imaginação cousas que me agoniavão. Oh! eu sonhava! Que sonho! O melhor de todos os sonhos que tenho tido.

ANTONIO.—Temo-la travada. Ahi vem a cartilha sedição.

PAULO.—Sonhavas com o inferno? com as furias?

JOSÉ.—Não.

PAULO.—Com o el-dourado?

JOSÉ.—Não.

ANTONIO.—Então que sonho era esse?

JOSÉ.—Era um sonho novo para mim, mas velho para muitos que já o devem ter sonhado. Sonhava com um joven bello e sabio, que tendo completado seus estudos em um seminario, esteve para ser padre, mas que o amor lhe fez desviar essa carreira, para a qual tinha inteira vocação. . .

EDUARDO.—Juca, se começa, retiro-me. D'aqui a pouco Julio virá torturar-me, como um Torre Espada, e eu hei-de supportal-o para não romper com um amigo verdadeiro, como elle é. Não é por mim que temo, é por D. Mathilde. . . por seu pai. . .

JOSÉ.—Julio é a sombra de Nino para esta Simmirames.

ANTONIO.—É o Banco do Sr. Macbeth moderno.

EDUARDO.—Não tenho medo de Julio e dos seus brinquedos, só receio do pai de D. Mathilde, a quem não desejo offender. Sabes que foi o meu correspondente, e mereci sempre a sua estima.

ANTONIO.—E a filha mereceu a tua. . .

EDUARDO.—Antonio, és o genio mais sarcastico de todos.

ANTONIO —Ouve o sonho de Juca.

JOSÉ.—Cheguei aqui com fome de procurador de causas perdidas, deitei-me naquella rede, e como Venus em sua concha, adormeci o somno da innocencia.

ANTONIO.—És mais massante do que um deputado novo com os seus exordios.

JOSÉ.—Nada mais natural do que sonhar quem dorme.

ANTONIO.—E mesmo quem está accordado, por exemplo, os poetas...

JOSÉ.—Se continuas a interromper-me, nunca chego ao fim.

PAULO.—Os apartes são permittidos aos representantes que não orão—Antonio, os teus discursos são uns apartes visto que, por partes, repartes as questões.

ANTONIO.—Paulo fallou como um mudo!

JOSÉ.—Souhei que estava em um templo...

ANTONIO.—De Salomão talvez.

JOSÉ.—Aonde dois jovens hião esposar-se.

ANTONIO.—Ahi andava o Sr. Hymineu ás cambalhotas.

JOSÉ.—Conheci a ambos.

ANTONIO.—Põe-nos em trocos miudos. Erão machos ambos..

JOSÉ.—Uma era D. Mathilde.

EDUARDO.—Mentis como os senhos.

JOSÉ.—O outro o Dr. Camillo.

ANTONIO.—Olá! Esse analphabeto de pergaminho!

JOSÉ.—Sim.... Mas Eduardo dizia que eu mentia, e os sonhos são quimeras, e nada tem de reaes; porem este! Eduardo, este é verdadeiro.

EDUARDO.—És um massante sonhador.

PAULO.—O sonho do nosso Juca é verdadeiro; eu já sabia d'essa triste historia. O Sr. Bernardo Gonçalves, soube escolher para sua filha, um noivo a seu geito. Elle é negociante, e entre os negociantes tudo se faz como negocio. Fez bem; está no seu direito. O Dr. Camillo, alem de ser um medico, é filho de abastados lavradores, influentes em politica, com o que adquirirão a carta de Dr. para o Sr. Camillo. Ai de ti, Eduardo, que de nada te serve o grande talento que tens. Debalde te dedicas ás musas, escreves para os jornaes, estudas dia e noite, as tuas azas são de pennas e hoje só as de ouro podem subir. Subir! subir! até onde a ambição dos homens pode attingir. Já vês, Eduardo, que o interesse da actualidade não é a gloria, é o ouro. Tens tido gloria, mas o ouro, esse metal que é a perdigão de todos, oh! esse te foge. D. Mathilde foi dada em casamento ao Dr. Camillo, não porque elle tivesse genio e por ter adquirido fama na arte de Hypocrate, não, porque a ignoran-

cia encarnou-se no Dr. Camillo, que só atesta ser um medico com a carta da faculdade que lhe deu a faculdade de usar do titulo de Dr. Elle não tem nem terá clinica, mas, terá colheitas fabulosas de algodão, arroz e assucar.

ANTONIO.—Pobre Esculapio! Que autopcia fizerão na tua boca da intelligencia!

PAULO.—Julio tudo sabe; d'elle mesmo ouvi essa noticia que em sonhos Juca nos quiz dar.

JOSÉ.—Fallaste com Julio?

PAULO.—Ha pouco estive com elle em uma casa de jogo; elle cartecava na mesa do lasquenê.

EDUARDO (*à parte*).—Está perdido!

ANTONIO.—Agora comprehendo a tristeza de Eduardo! Tem cara de Ministro demittido.

EDUARDO (*pega no chapeo e tenta sahir*).—Eu volto já (*os amigos o agarrão*).

TODOS.—Eduardo! Eduardinho!

EDUARDO.—Querem-me ver estrangulado por Julio!

SCENA 9.^a

Ditos e Eleuterio.

ELEUTERIO (*com duas garrafas*).—Então o que é isto?

PAULO.—É o nosso Eduardo que tenta desertar das nossas fileiras.

EDUARDO (*atirando o chapeo para um canto*).—O inferno se conspira contra mim!

ANTONIO.—Diz como Othelo: Porque nos desertos africanos Eduardo não morreu desconhecido?

SCENA 10.^a

Ditos e Julio.

JULIO.—Por ser pateta!

TODOS.—Julio!

JULIO.—Meus amigos, esperastes por mim? ainda bem, porque eu esperei longo tempo por uma dama, que ligou-se tambem com os azares meus oppressores, inimigos do meu dinheiro. (*tirando o palitot*) Assim jantarei mais á fresca. (*tira o chapeo e bota um turbante que está na parede*). Olá! com este turbante fico mesmo um Beduino. O que dizes Eduardo? Já figurou muito em uma mascarada, esse senhor

turbante. . . É verdade, estive, não ha muito tempo, em uma mascarada de novo genero.

PAULO.—Aonde?

ANTONIO.—Na casa do jogo.

JULIO.—É verdade. Eu corria as cartas, já tinha dado cinco sortes, a mesa contava um conto de reis, quando ouvi uma voz sahida do inferno dizer: corra! Sentí um calafrio, tive medo! Voltei as cartas, a dama de ouro para a esquerda, o az de copas para a direita. O meu adversario tinha a seu favor o az de copas, eu a dama de ouro, o dublé não me fôra favoravel, corro as cartas, uma, duas, trez, e muitas vezes. Os olhos de todos estão pegados no baralho gigante que eu tinha diante de mim. Não havia quem respirasse alto, com medo de quebrar o respeito devido á tão grande parada. Lembrei-me do nosso amigo Eduardo, que tendo confiado seu amor a uma mulher, essa ia pertencer a outro, e eu via o meu dinheiro á mercê de uma dama!

ANTONIO.—E por fim, déste com os burros n'agoa?

JULIO.—Se lá estivesse Antonio, não escaparias as sensações diversas que impressionavão a todos. Em fim chego ao epilogo: sai a dama de espada. . . mas.

Todos.—Ganhaste?

JULIO.—Não. . . antes tinha sahido o az de ouro, leváram-me o dinheiro.

ANTONIO.—Que pena!

JULIO.—Zangado, deixo o jogo e eis-me aqui, cheio de fome, como o enteado que tem a madrasta por inimiga. Oh! perco tudo, menos a honra!

ANTONIO.—E o jantar.

SCENA 11.^a

Ditos e Luiz.

LUIZ.—A's armas! soldados, á cosinha. . . avançar e carregar pratos para a mesa.

Todos.—Vencer, ou morrer!

SCENA 12.^a

Julio, Antonio e Eleuterio.

ANTONIO (*arrumando pratos á mesa*).—Tenho fome (*trazem pratos, Antonio vai os arrumando sobre a mesa*).

JULIO (*sentando-se na rede*).—Calcula, Tónico, como não hei de estar a tenir! Tú tens a barriga vasia, eu a bolça e a barriga.

ANTONIO (*pega em um prato que traz Luiz*).—Irta! está quente. (*Luiz sac assim como os mais que conduzem o jantar*.)

JULIO.—Foi feito ao fogo. (*ouve-se bater á porta*) Alguem bate.

ELEUTERIO (*que tem estado abrindo garrafas*).—Quem será o importuno que a estas horas... (*deixa as garrafas, vae a porta*) Olá! as minhas cartas!

JULIO.—Entrou o vapor?

ELEUTERIO.—Do sul (*abre a carta*). São do meu correspondente (*lé para si*.)

JULIO.—Do Rio nada me interessa, a politica deve continuar a mesma, porque os mesmos são os homens que lá representam a nação.

ELEUTERIO.—Meus amigos, haja completa folia, os negritos derão para a pescada.

JULIO.—Ganhaste?

ELEUTERIO.—Alguma cousa.

JULIO.—Segredo com isso. Olha que é alma do negocio o tal segredo. Outro tanto não digo do jogo, sempre perco, pois sou um tonel de azares! Mas não devo jogar mais, não quero e até juro.

ANTONIO.—É isso mesmo que fazem todos quando perdem.

SCENA 13.^a

Ditos, Eduardo, Luiz, José e Paulo.

PAULO.—Vamos atacar o inimigo á bayoneta calada.

JULIO.—Eu cá heide leval-o ás dentadas. (*sentão-se todos á mesa, Eleuterio na cabeceira, de um lado José e do outro Paulo, segue-se Luiz e Eduardo e Julio do lado de José*). Meus amigos, nada de ceremonias.

ANTONIO.—Luiz, tinhas mais fome do que um cão da rua. Comes como curuba.

JULIO.—Eduardo não faz o mesmo, ainda não comeu nada.

EDUARDO.—Vou mostrar-vos que sou optimo gastronomo (*come*).

ELEUTERIO.—Comão de vagar para paracer banquete.

PAULO (*com a boca cheia*).—Apoi...do.

JULIO.—Acho o nosso Eduardo misantropo! Oh Tónico,

deita-me um pouco de cabedella aqui (*dá o prato*) Queres cabedella, Eduardo?

EDUARDO.—Estou dando conta de venda desta galinha guisada.

JULIO.—Conta de venda deu-te o Sr. Bernardo... (*comendo*) A culpa não é minha; fiz o que pude para arredar de ti esse amor fatal, e tu trabalhavas com mais força para cahires nesse abysmo. Oh Juca, dá-me arroz... O diabo dos padeiros, além de fazerem o pão pequeno... A farinha é má, não o posso tragar (*dá o prato, Julio o serve*).

ANTONIO.—É celebre! Julio falla e come ao mesmo tempo!

Julio.—Economiso o tempo. Tù careces de tempo para fallar, tempo para comer, eu em um só tempo, faço ambas as cousas. Mas, voltando a Eduardo...

EDUARDO (*á parte*).—Máo! Que temos de novo contra mim.

JULIO.—O amor faz perder a tramontana a este piloto que deu com o barco da esperança nos baixos do desengano! Eu, Deus me perdoe, aprecio mais esta cabedella do que a cara mais linda de qualquer mulher.

PAULO.—Que blasfemia!

ANTONIO.—Blasfemia não. Quando se tem fome, antes ver uma cabedella. Tudo tem o seu lugar; na ociosidade admiro o gosto de uma moça bella.

JULIO.—A paixão é como o copim, róc! róc!

EDUARDO.—Ainda te hei-de ver roído por ella.

JULIO.—Não duvido, quando eu estiver louco.

PAULO.—Eu cá, sou de opinião de que, os homens sem as mulheres não valem nada. São ellas que dão apreço a esta vida. São as flores que a embalsamão... Meus amigos, uns olhos pretos... um riso angelico, em labios de carmin... oh! Jesus! eu morro por ellas! ah!...

JULIO.—E eu! Por ellas reunidas, ou mesmo em separado, mas não particularmente... (*enche o copo*) A saude do nosso amigo Eduardo...

Todos.—Op! Op! Horrou! Horrou!

ANTONIO.—Outro brinde, meus amigos. A' saude do nosso amigo Eleuterio, que hoje completa os seus 25 annos.

Todos.—Tubanch! Tubanch! Tubanch ei. Vivou!

SCENA 14.^a

Ditos e Arthur.

ARTHUR.—Viva Eleuterio! Viva!

ELEUTERIO.—Abanca-te Arthur... toma lugar no banquete.

ARTHUR.—Comem ainda. Oh! Julio, tens hospede em casa.

JULIO.—Hospede?

ARTHUR.—Sim, o Sr. Casimiro e sua mulher.

TODOS.—D. Angelica!

Julio (*á parte*).—Angelica de volta! (*alto*) Então vierão no vapor?

ARTHUR.—É verdade. Chegou a companhia dramatica que vem dar representações no nosso theatro.

ANTONIO.—Melhor! Teremos de o ver brilhar no Cesar de Basan. Gosto muito d'esse drama, só por que D. Cesar bebe como quem vai morrer.

JULIO (*á parte*).—Angelica em Maranhão!

EDUARDO.—Vamos ter distrações.

JULIO.—Distrações para ti! Eduardo?

EDUARDO.—Quando amares...

JULIO.—Amar eu! O que dizes Eduardo? Eu amar! É mais facil serem as mulheres constantes no amor; o jogo ser-me favoravel na sorte; o Sr. Bernardo não negociar com a mão de D. Mathilde, do que eu amar. Eu que pelo amor tenho uma aversão cordial! Uma abnegação a toda a prova! Amar! Oh! quem não conhece o bello sexo que ame, não eu, que hei aprendido á custa dos papalvos como Eduardo, a fugir d'elle como o diabo da cruz. Eu sou franco e a minha linguagem é verdadeira e leal. Olho para a moça mais bella, mais gentil, mais elegante, como para a rosa, ou o jasmim, o cravo, ou outra qualquer flor; e quando não as vejo esqueço-me d'ellas como de um objecto que apenas fitei, passando logo a occupar-me de outros. Que queres, se a natureza é tão varia!

ANTONIO.—Julio falla como um ministro de estado!

JULIO.—Antonico, és um fallador como qualquer ilhéu. Bem mostras que és filho do Maranhão, e que S. Luiz é uma ilha. Eduardo, eu sinto ver uma decepção cruel delacerar-te a alma e torturar-te o coração, mas o que fazer? D. Mathilde casa com o Dr. Camillo. Volta ao Seminario e faz-te padre.

José.—Uma saude!

LUIZ.—Já era tempo. Tenho a goela seca.

José.—A' saude das nossas deidades!

TODOS (*menos Julio*).—Viva! op! op! hourou!

ANTONIO.—Julio não nos acompanhas?

JULIO.—Não. Tenho medo de beber á saude d'ellas, podem adoecer.

PAULO.—Eu bebo á saude das bellas, que são as almas dos
nossos corpos.

JULIO.—Eis um corpo sem alma (*apontando para si*).

TODOS.—Viva! viva! (*batem com os talheres nos pratos*.)

JULIO.—Mulheres! mulheres! quantos encantos vejo ar-
riscado e serem presos pelos laços que lhes armaes! Vós que
trahis a sorrir, mentis a jurar, enganaes com os olhos pene-
trantes... ah! quantos corações inexperientes tem de dar-vos
a victoria, o triumpho, a gloria! Eu que vos entendo, por que
vos hei estudado, que vos não creio, que respeitando-vos, não
vos amo, eu, Julio Mauricio, desafio-vos a prenderem-me nessa
rede de traições e desengano tardio. Oh! eu não vos delesto,
não, admiro-vos como artistas astuciosos em attrahir adora-
dores. Eu vos admiro bellas deidades, e nada mais.

ANTONIO.—Quando se diz—bellas não se entende as feias;
estas fôrmaõ republica á parte.

JOSÉ.—Mulher feia é bilhete branco de loteria.

JULIO.—Eu gosto das feias igualmente como das bellas.
Ellas servem de sombreado ao quadro, em que as bonitas
realção.

ANTONIO.—Mulher feia vale tanto como chapéu de sol em
noite de bello luar.

LUÍZ.—Eu bebo á saude do nosso heróe, do nosso chefe ce-
libatario, do grande Julio Mauricio.

TODOS.—Viva! viva! op! op! hourrou! hourrou!

JULIO.—Obrigado, meu povo. Julguei-me grande como um
senador do imperio! Sim, meus amigos, Julio é e será sem-
pre o chefe dos celibatarios e no meio das moças, rodeado por
ellas cantarei estes versos italianos.

Questa e quella per me pari sono
A quant'altre d'intorno mi vedo
Del mio core l'impero non cedo
Meglio ad una che ad altra beltá.

ANTONIO (*batendo palmas*).—Muito bem! Muito bem! Julio,
o que foi que tu dissestes? Olha que viestes do Rio para nos
dar de sota o az.

JULIO.—Com a sota e o az perdi hoje um conto de reis: E
com tudo estou mais alegre do que Eduardo. E por que? Eu
vos explico. Eduardo está apaixonado e eu não. Não me que-
rem crer que as mulheres são anjos, mas do inferno e não do
céo.

EDUARDO.—Um dia serás sedusido por ellas.

JULIO.—Nunca.

SCENA 15.^a

Ditos e Esmeralda.

ESMERALDA (*á porta*).—Esmolla para a pobre cigana.

ANTONIO (*sahindo da meza*).—A feiticeira!

PAULO (*idem*).—A bruxa!

ELEUTERIO (*idem*).—Entraí, velha bohemia.

JULIO (*idem*).—Quereis pão? (*vai á meza e traz um pão*) Aqui tendes, comei.

ESMERALDA (*comendo*).—As migalhas do banquete dos ricos bastão a matar a fome aos indigentes. Obrigado.

ELEUTERIO.—Então a buenadicha não dá lucro?

ESMERALDA.—Todos temem as minhas prophcias, e fingem não crer n'ellas.

JOSÉ.—Lá isso é verdade.

PAULO.—Haveis de ler os nossos destinos. Nós acreditamos muito na buenadicha.

ESMERALDA.—Para me lançarem fóra d'aqui, como se eu fóra um cão, se as vossas sortes fôrem más?

JULIO.—Más, ou boas, nós te havemos agradecer e pagar. Aqui tendes a minha mão (*dá a mão direita*).

ESMERALDA (*examinando a mão*).—Sr. Julio Mauricio, amastes já e muito.

JULIO.—Adiante.

JOSÉ (*á parte*).—Eu desconfio que sim.

ESMERALDA (*examinando a mão*).—Tendes os traços da mão bem visiveis... Ah! aqui descubro o fio do futuro... Deveis casar mais não com donzella... sim... será uma viuva por quem morrerás de amor.

TODOS (*rindo, menos Eduardo*).—Ah! Ah! Ah!

JULIO.—Ainda bem, que para ser tólo, digo, para casar-me, hade custar a vida a outro, digo a outro tolo.

PAULO (*dando a mão*).—E eu?

ESMERALDA (*examinando a mão*).—Vós! vós haveis de casar com aquella que não vos ama, mas que vós amais muito.

PAULO (*dando uma esmola a Esmeralda*).—Pega a paga da minha bôa sina.

ELEUTERIO (*dando a mão*).—Vamos agora nós, bruxa do inferno.

ESMERALDA (*examinando a mão*).—Meu Deos! Nunca vi tão claro!

ELEUTERIO.—O que?

ESMERALDA.—Os signaes da morte. Vós tendes de morrer.

ELEUTERIO.—Já sei d'isso desde que nasci.

ESMERALDA.—Hoje é dia dos vossos annos, 16 de Julho, e 16 de Julho do anno que vem, não estareis vivo.

ELEUTERIO.—Mentirosa bruxa! Feiticeira do inferno!

ESMERALDA.—Assim me chamão todos que tem a sina má.

JULIO.—Eduardo, tens medo de saber o teu futuro?

EDUARDO.—Não. (*dando a mão*) Lêde, cigana impostôra, o que só a Deos pertence, o meu futuro.

ESMERALDA (*examinando a mão*).—Ah! que futuro tendes, tão cheio de felicidades. Haveis de ser casado e nunca encontrareis os labios de vossa esposa, para nelle depositar os osculos do amôr; não tereis companheira, alem do amôr de Deos. E comtudo sereis casado.

EDUARDO.—Com quem?

ESMERALDA.—Digo-vos em segredo. (*Falla ao ouvido de Eduardo*).

JULIO.—Com D. Mathilde?

ESMERALDA.—Não. D'essa ouvi eu hoje pregar-se no Caimo os banhos do estylo; casa com o Dr. Camillo.

JULIO.—Eduardo empallideceu!

EDUARDO.—Meus amigos, esta mulher foi paga para vir zombar de nós. Seja a bohemia condemnada ao fogo!

ANTONIO (*indo á parede traz uma pistola*).—Ao fogo! Ao fogo! Agora nós. (*da-lhe a mão*).

ESMERALDA (*examinanda a mão*).—Senhor Antonio, diviso na vossa mão traços cortados, que me dizem serdes contrariado no amôr. Uma paixão violenta vos obriga a pretender uma joven, que não vos ama.

ANTONIO.—Feiticeira! Feiticeira! Não vêdes que estou armado?

ESMERALDA.—Descobri agora um ponto na palma da mão; é signal que essa moça zombará sempre de vós, e casará com outro.

ANTONIO (*tendo a pistola apontada para Esmeralda*).—Eu mato-te, morcego do diabo.

ESMERALDA.—Podeis matar-me, mas a vossa sina não se hade mudar.

ELEUTERIO (*com uma espingarda*).—Ao fogo! morra a feiticeira!

JULIO.—Eu a defendo (*pucha Esmeralda a si*).—Meus amigos, deixemos a pobre cigana ir em paz. (*da-lhe uma esmola*) Aqui tendes, Esmeralda, a conselho-vos de não lerdes sinas a mais ninguem.

TODOS (*armados*).—Ao fogo! Ao fogo!

ESMERALDA.—Deos sabe se fallei a verdade, ou não.

TODOS.—Ao fogo! Ao fogo!

JULIO (*conduzindo Esmeralda até a porta*).—Vinde, Esmeralda! Eu vos defenderei. (*Esmeralda sahe.*)

SCENA 16.^a

Ditos e Thomé, menos Esmeralda.

ELEUTERIO.—Julio, salvaste a essa bruxa de morrer em nossas mãos.

ANTONIO (*trazendo Thomé pela orelha*).—Anda, tratante! Agora é que trazes palitos?

THOMÉ (*de joelhos*).—Perdão, Meu senhor! acabastes de jantar—aquí tendes palitos.

ELEUTERIO (*apontando a arma para Thomé*).—Morre, macaco!

JULIO (*tirando-lhe a arma*).—Eleuterio, hoje é dia dos teus annos, é melhor perdoar a Thomé.

ELEUTERIO.—A grandeza dos soberanos está no saber perdoar; eu te perdôo, Thomé.

TODOS.—Viva Eleuterio! Viva Eleuterio!

ELEUTERIO.—Meus amigos, disse-me a bruxa que não devia estar vivo para o anno; neste dia, eu vos convido para jantar—des commigo a 16 de Julho do anno que vem, como um desmentido formal a essa prophécia.

TODOS.—Viva a rapaziada! Viva! Fóra as prophécias! fóra!

(Arthur está de buzina a tocar; José bate nos pratos; Julio ergue a Thomé do chão, e tudo em scena é barulho e confusão; cahê o panno, vendo-se Paulo e Luiz valsarem.)

ACTO I.

SEMPRE ESTA MULHER.

Sala modesta em casa de João Mauricio, ornada com decencia.

SCENA 1.^a

Maria e João.

João (*sentado em uma poltrona*).—Que trabalho é esse, Maria, com que, ha uns poucos de dias, te vejo entretida? Andas tão atarefada, minha filha, que no lidar domestico vejo em ti a copia fiel de tua defunta mãe.

MARIA (*cozendo em um bastidor*).—É uma distracção, como outra qualquer. O trabalho, quando é espontaneo, não é um jugo, é, peio contrario agradavel. Este lenço de labyrinth, que estou fazendo, nas horas vagas, distrae-me muito.

JOÃO.—Mas hoje tem espectaculo, suponho eu, e deves assistir a elle.

MARIA.—Não, meu Pai. Vmc. ainda está doente, não tenho praser de ir ao Theatro, deixando-vos em casa enfermo.

JOÃO.—E D. Angelica não te mandou convidar?

MARIA.—Agradei o convite que mandou fazer-me e pedi-lhe desculpas por não poder annuir a elle.

JOÃO.—É dizem que o drama é magnifico. É o *Marinheiro de S. Tropéz*.

MARIA.—Já o vi uma vez, e o achei bonito, principalmente a parte do marinheiro desempenhada por um artista de merito.

JOÃO.—E o enredo, não é bonito?

MARIA.—É complicado e atrahê a attenção dós espectadores até o fim.

JOÃO.—O *Marinheiro de S. Tropéz*! O titulo é magnifico! é pomposo!

MARIA.—O *Marinheiro* viu, em um cemiterio, uma moça que orava pela alma de sua mãe.

JOÃO.—Como tens feito muitas vezes.

MARIA.—Essa moça já amava.

JOÃO.—Tinha completa a sua educação. Hoje o amor nas moças está como o resar nos velhos.

MARIA.—Vossa filha, meu pai, ainda não sabe o que é esse amor de que fallais.

JOÃO.—E ha já quem o saiba? Quem possa definir, explicar e dizer-nos o que isso é?

MARIA.—O Marinheiro descobre que o pai da moça é um seu devedor, e vem pedir-lhe a mão d'aquella que o encantava tanto.

JOÃO.—Fez bem. Todo o fim do namoro deve ser esse.

MARIA.—O pai quer, a filha não! Coitada! Ella ama a outro.

JOÃO.—Isso já eu sabia, difficuldades no beco. Contrariedades no amor!

MARIA.—Mas a filha attende ás supplicas de seu pai, e esquece o dever de amante, deixando aquelle que ella amava, para casar-se com este que ella pela primeira vez via, em sua vida.

JOÃO.—Então o Marinheiro era um Cesar? Vio, pediu e casou?

MARIA.—É verdade. Assim começa o drama, o Marinheiro trata sua mulher com esmero, elle é rico, e a ella nada falta; mas descobrio que sua esposa amava a um doutor e os ciumes lhe torturavão a alma, dilaceravão-lhe o coração.

JOÃO.—São o maior inimigo dos namorados, os taes ciumes.

MARIA.—São os espinhos das flôres, meu pai.

JOÃO.—Dize antes o castigo dos doudos que amão.

MARIA.—O Marinheiro tem um compadre, ambicioso de que o afilhado herdasse a fortuna do padrinho, e esse casamento do Marinheiro vinha cortar pela raiz, as gratas esperanças do ambicioso compadre. Depois de malquistar a mulher com o marido, de introduzir a guerra no seio da familia do Marinheiro, trata de matar o compadre, por que possui o testamento em que este deixa o afilhado por herdeiro.

JOÃO.—Olá! A cousa vai se tornando séria.

MARIA.—Consegue envenenar pouco a pouco o seu bemfeitor e compadre, e as suspeitas recahem todas na mulher do Marinheiro!

JOÃO.—Que infamia! Um homem d'estes só paga com a justiça do sertão.

MARIA.—Já o Marinheiro estava a morrer, e escrevia em uma mesa que tinha diante um grande espelho. O compadre entra e vem dar o remedio ao doente, quando este vê deitar no medicamento uma porção de veneno! Atira-se a elle.

JOÃO.—Maria, ahí ha lacuna na tua historia; pois se o compadre vinha envenenal-o, como diante d'elle...

MARIA.—Ah! esqueci-me dizer antes: o Marinheiro vio no espelho a boa obra do seu compadre.

JOÃO.—Assim sim. Agora está a historia completa, como qualquer romance.

MARIA.—O compadre lucta com o padrinho de seu filho, este grita, acode a esposa e o Dr. é chamado, reconhece-se que no remedio ha veneno; o assassino precipita-se de uma janella abaixo, e morre estantaneamente.

JOÃO.—E o Marinheiro?

MARIA.—Depois da lucta, a morte apoderou-se do Marinheiro, tendo pedido a sua mulher, nos seus ultimos momentos de vida, que esposasse o Dr. e a deixava por sua herdeira.

JOÃO.—E assim os namorados conseguirão unir-se, depois de alguma demora. Era uma letra que estava a vencer-se, e que no prazo marcado, teve prompto pagamento.

MARIA.—É pena que estejaes doente; quando não irieis applaudir ac artista que desempenha o papel de Marinheiro e a actriz que brilha no de sua esposa: ambos o desenpenhão com muita naturalidade; ambos são dois artistas de merito.

JOÃO.—Já os tinha visto em outros dramas, na verdade, são apreciaveis. Nada deixão a desejar. Teem transportes, que arrebatão, e talento para compenetrarem-se dos papeis que desempenham, como poucos o possuem. Eu sinto passos.

MARIA.—Alguem dirige-se á esta sala.

SCENA 2.^a

João, Maria, Rosa e Antonio.

ANTONIO.—Ora vivam o Sr. Mauricio e a Sr.^a D. Mariquinhas.

JOÃO (*sentado apertado a mão de Antonio*).—Oh! Sr. Tónico, bons dias.

ROSA.—Maria, ha tempos não te vejo.

MARIA.—É por que não queres. Sabes que meu pai anda doente.

ROSA (*apertando a mão de Mauricio*).—Então vai melhor, meu amigo?

JOÃO.—Alguma cousa... o diabo do rheumatismo.

ANTONIO (*á parte*).—Se fosse em mim, éra um Deus nos acuda.

MARIA.—Senta-te, Rosinha. (*sentão-se*).

ANTONIO.—Aonde está Julio? Elle não vai hoje ao theatro? ED. Mariquinhas? Eu sei que o Sr. Mauricio, quando doente, recolhe-se cedo ao leito, mas D. Mariquinhas...

JOÃO.—Já lhe disse que fosse, mas ella...

ANTONIO.—Não quer ir?

ROSA.—Mariquinhas, eu vinha convidar-te para ires comigo hoje ao theatro. Tenho uma semsaboria, quando estou só no camarote.

MARIA.—Rosinha, se tivesse de ir ao theatro, accetava o convite de D. Angelica que pela manhã me fez.

ROSA.—Deveras? Tens razão, Mariquinhas, D. Angelica é bella e veio da Europa ha poucos mezes, seu marido é rico...

JOÃO.—Eis D. Rosinha com cutiladas a torto e a direito. Em commercio, D. Rosa, quando o negociante dá a sua palavra, não ha interesse que a faça faltar a ella. Assim deve ser em tudo mais.

ROSA.—E comtudo, muitos faltão a sua palavra.

JOÃO.—Em todas as classes ha bons e máos.

ANTONIO.—Isso é verdade. O Sr. João Mauricio é um velho que todos respeitam e seu credito está reconhecido por toda parte. A sua probidade, a inteireza do seu nobre character, tudo garante o symbolo da honra na pessoa de Sr. Mauricio.

JOÃO.—São bondades que me prodigalisa. D. Rosinha, seu mano ainda anda atraz d'aquella pequena, pela qual morre de amores?

ANTONIO.—Eu? Não... não amo a ninguem... digo, nesse sentido, porque amo a minha irmã.

ROSA (*ironia*).—Obrigada. Como está terno!

ANTONIO.—D. Mariquinhas, Rosinha está desapontada. A senhora entrava em seus planos, fez seus calculos e elles sahirão errados. A culpa não é minha.

MARIA.—O Sr. Tónico sabe algum segredo de sua irmã?

ANTONIO.—Ella sente muitas dores de cotovello, não sei porque, mas hei-de descobrir o segredo da abelha que se me occulta.

ROSA (*formalizada*).—Mano Antonio, eu não gosto d'essas graças.

ANTONIO (*tirando um charuto*).—É pena! D. Mariquinha, mande vir um pouco de fogo; pelo que, como dizem as cartas de enterro, desde já me confesso agradecido.

SCENA 3.^a

Ditos e Julio.

JULIO.—Aqui tens fogo, Antonio (*dá o charuto aceso e vai ter com o pai*) Então como vai meu pai! O remedio fez-lhe

bem? D. Rosa como tem passado? Eu os vi passar ha pouco, D. Rosa e Antonio, e calculei que vinhão obsequiar-nos com as suas visitas (*para Antonio que tem levado a acender o charuto*) Olha, Antonio, assim fumas os dois charutos. Que massante! (*toma-lhe o charuto*) Estou arrependido de ter te emprestado os meus ardores.

ANTONIO.—Deixa-te estar, maroto, que em identicas circunstancias, não te hei-de prestar o meu contingente.

JULIO.—Vai ao theatro hoje, D. Rosa?

ROSA.—Ainda não sei. Vinha convidar a Mariquinhas, mas ella não nos quer dar essa honra.

MARIA.—Não quero. . . É porque não posso Rosinha.

ROSA.—Não queres.

JULIO.—Mariquinhas tem razão. Meu pai está ainda doente, e não pode ir ao theatro.

JOÃO.—E se ella fôr, ha-de ser com D. Angelica, que primeiro a convidou.

JULIO (*á parte*).—D. Angelica! Sempre ella!

ROSA.—De maneira que, se Mariquinhas fôr, será com D. Angelica?

JOÃO.—Será com quem primeiro a convidou.

ANTONIO (*para Julio*).—O que tens? Estaes sério? Já estarás apaixonado? Muito me hei-de rir, se as prophecias da cigana se realisao.

JULIO.—De andares sempre atrás de uma moça que por fim se hade casar. . .

MARIA.—Com o Sr. Antonio?

JULIO.—Não, com outro que não elle.

ANTONIO.—D. Mariquinhas sabe que ha quatro mezes, pouco mais ou menos, uma velha feiticeira leu-nos a buenadicha. Pois ella prophetisou que Julio havia de casar-se.

ROSA.—Deveras! Com alguma menina solteira. . .

ANTONIO.—Não, minha maninha, com uma viuva.

ROSA E MARIA.—Viuva!

JOÃO.—Então o que tem? Uma viuva que tenha juiso, que seja de boa familia e de fina educação, vale bem uma menina nos seus 17 annos, solteira.

ANTONIO.—E quando a viuva é rica, Sr. Mauricio?

JOÃO.—A riqueza. . . apesar de ser eu negociante e ambicional-a, neste caso é a ultima circumstancia que se requer. Desejo antes a Julio um casamento que lhe traga a felicidade do lar domestico, embora pobre, do que ostentar no exterior grandezas e no seio da familia viver torturado por uma esposa. Deixo as cifras, os algarismos, para as transacções commerciaes.

ANTONIO.—Eu sou da opinião do Sr. Mauricio, com uma emenda adictiva na lei da escolha casamental—alem do dito—digo: que seja bem rica e bella.

JULIO.—A belleza é um transparente que não brilha sempre. A mulher bella, sem espirito, sem animação é uma estatueta, que apenas serve para se ver e nada mais. Dou preferencia a uma mulher espirituosa, e não a essas figuras de paineis.

JOÃO.—D. Rosinha, como vamos de canto? O Sanelli devia ter-lhe ensinado a cantar bellas arias, não é verdade? Elle é um insigne maestro, e é pena ser um pouco adoidado.

ANTONIO.—Oh! a menina canta como um japy, mas tem occasiões que imita o annum perfeitamente. Não cansa! E como a cigarra.

ROSA.—Engraçado! Julga requestar D. Catharina á custa de presentes!

JULIO.—Não vai a enfesar-se, D. Rosinha. A Sr.^a sabe que Antonio é malicioso como um demandista. Se elle ama a D. Catharina e ella o aborrece, ou olha para elle com indiferença, a culpa é só d'ella.

ANTONIO.—Julio, arruma já algum pedaço de italiano. O diabo deixou o jogo e a lingua de Tasso por uma vez! Ha muito tempo que não falla como os cantores da opera lyrica! E eu que gostava tanto! sem entender nada do que elle dizia.

JOÃO.—Julio prometteu-me não jogar mais.

JULIO.—Hei de cumprir a minha promessa, meu pai.

ANTONIO.—Hei de escrever a Eduardo e Eleuterio contando-lhe tudo isto. Julio já não joga, nem falla italiano.

ROSA.—O Sr. Eduardo tem escripto? Aonde está elle? E o Sr. Eleuterio?

JULIO.—Recebi uma carta de Eduardo datada de Roma. Elle por causa do casamento de D. Mathilde com o Dr. Camillo deixou o Maranhão, foi esporecer na Europa. Na verdade elle hade estranhar muito, quando voltar a este calcanhar do mundo.

ANTONIO.—Alto lá!—calcanhar não, veja a cartographica, nós estamos no meio do mundo.

ROSA.—O Sr. Julio veio muito amavel do Rio. Ha um anno ainda não se pôde acinuar em sua terra. E o Sr. Eleuterio? Ainda está em Lisboa?

JULIO (*com malieia*).—Sim, D. Rosinha, porque as moças aqui são umas... umas inconstantes, apesar de seu apparente acanhamento.

ROSA.—Que fineza de côrte! Aprendeu lá a ser tão delicado?

JULIO.—D. Rosinha, a senhora é a excepção de todas as mais.

ANTONIO (*para Rosa*).—Mette-te com elle. Julgas que Julio é d'esses que enfia por da cá aquella palha?

ROSA.—O que eu julgo é que o brilhante, antes de ter o merecimento, vai primeiramente ao lapidario.

JULIO.—D. Rosinha quer ser lapidada?

JOÃO.—Julio, mais respeito a D. Rosinha. Essas liberdades não me agradão, muito menos, quando ella vem me visitar. . . ou convidar tua irmã para ir ao theatro. Sempre são obsequios. . .

JULIO—Longe de mim o pensamento de desrespeitar a D. Rosinha, minha companheira de infancia. Aquella que na infancia me deu muitas vezes o titulo de irmão.

ROSA.—Mas o Sr. era mais velho do que eu, diga sempre assim.

JULIO.—Nossas idades confundem-se, D. Rosinha, e ambas sommadas e divididas por dois, a senhora tem em partilha os mesmos algarismos que eu.

ROSA (*enfesada*).—Quantas finezas! O Sr. Julio veio bem civilizado do Rio de Janeiro!

JULIO.—D. Rosinha, a senhora tem medo de ficar tia?

MARIA.—Julio deixa Rosinha. Tu a estás enfesando.

ANTONIO.—Dá-lhe, Julio, que isso me faz ella todos os dias.

MARIA.—Dá no Sr. Antonio?

ANTONIO.—Não, D. Mariquinhas, enfeso-me sempre com o genio frenetico que ella tem.

MARIA.—Rosinha, deixemos o mano Julio e o Sr. Tonico enterferem a meu pai, vamos a meu quarto. Quero mostrar-te uma saia balão de invenção nova.

ROSA.—Vamos, que o Sr. Julio está hoje insupportavel.

JOÃO (*á parte*).—Ella ama ao meu Julio, coitada! O rapaz não a ama!

JULIO (*para Rosa que vai sahindo*).—Eu sempre a hei de respeitar como se fosse uma irmã de minha mãe.

ROSA.—Tia será elle.

SCENA 4.^a

João, Julio e Antonio.

ANTONIO.—A mana vai como um buscapé. Vingaste-me. Julio, obrigado. Ella em casa tortura-me com as suas imperinencias! Sou um martyr.

JOÃO.—Julio, tu molestas assim a D. Rosinha; debes ser mais indulgente com ella, hem vês que é uma senhora nossa amiga, e debes ter para com ella toda consideração.

ANTONIO.—Nunca! Cuida o Sr. Mauricio que ella tem piedade de mim em casa? Oh! eu aturo o que meu pai não seria capaz de aturar. Quando resisto as suas impertinencias, ahí vem as armas e os barões assignalados, de todas as mulheres as lagrimas.

JULIO.—São as balas que lançao aos inimigos. Oh! se as guerras fossem feitas por ellas, felizes dos vencidos! Eu vos prometto, meu pai, não fazer zangar mais a D. Rosinha.

JOÃO (*erguendo-se*).—Julio, ajuda-me. Quero ir repousar um pouco na cama. Tenho cansado o corpo de estar sentado. (*Julio e Tónico ajudam a João*). Assim.

JULIO (*ouvindo bater á porta*).—Quem bate?

JOÃO.—Vê quem é.

JULIO (*á porta*).—D. Angelica! (*á parte*) Ella! (*alto*) Entrai, minha senhora.

JOÃO (*sentando-se*).—Entrai, minha senhora, entrai, sim, bem vinda seja.

SCENA 5.^a

João, Julio, Antonio e Angelica.

ANGELICA (*para João*).—Bons dias, Sr. Mauricio. (*para Julio e Antonio*) Os Srs. passam bem? (*abaixando os olhos*) Sr. Julio, onde está Mariquinhas?

JULIO.—No seu quarto... Mostra a D. Rosa... umas saias balões da última moda. São as modas os cuidados e os mais arduos pensamentos das senhoras.

JOÃO.—Sente-se D. Angelica. Como está o Sr. Casimiro?

ANGELICA (*sentando-se*).—O Sr. Casimiro vai bem. Deixou-me á porta de sua casa e foi ao Banco negociar umas letras. A vida do commercio o occupa todo dia. Grande empresa o atarefa... mas elle anda preocupado e triste, como se uma desgraça eminente o ameaçasse.

JOÃO.—É assim mesmo o viver do homem do commercio, no fim do anno da-se balanço aos negocios, e exprimido tudo não dá suco para tanto trabalho. É muito lidar e pouco ganhar. Elle tem de lutar contra os inglezes que monopolisarão em Maranhão o commercio do algodão. O preço d'esse genero altêa e baixa conforme elles querem. O que quer?

São os senhores do commercio, nós nada mais somos que simples insectos ao pé d'esses elefantes. Com tudo o commercio não é máo ramo de vida.

ANTONIO.—Quando nao resulta alguma quebra. Isso é o mesmo, faz-se banca-rota, os credores perdem e ha alguns dos quebrados que ficam inteiros. É cousa bastante commum ver tratantes, que se dão por quebrados, e construirão depois grandes predios!

JULIO.—Quando a quebra é fraudulenta, o commerciante falido perde tudo, a vergonha, a honra, o brio, menos o dinheiro, e fica habilitado para ser grande no mundo. (*toca a campainha*) Vou mandar chamar as vossas amigas; esta conversa não vos deve entreter.

ANGELICA.—Recebi um recado de Mariquinhas que me surpreendeu. Não sabia que estaveis doentes Sr. Mauricio. Para destrahir ao Sr. Casimiro, deliberei ir ao theatro e querendo levar Mariquinhas, mandei-a convidar.

JOÃO (*a Carlota que apparece*).—Diz á menina que a Sra. D. Angelica está aqui. (*sabe Carlota*) Eu ainda acho-me rheumatico, a ponto de não poder servir-me livremente das pernas, que me pesão e incommodão muito.

JULIO (*á parte*).—Oh! sempre bella! Meu Deos! não tendes no Céu um anjo assim.

ANTONIO.—Ahi as tem, minha senhora. (*para Angelica*) Não repare no nariz arribitado de minha maná—ella está debaixo da influencia da lua... estamos em quarto crescente.

SCENA 6.^a

Ditos, Rosa e Maria.

MARIA.—Angelica (*beijão-se*).

ANGELICA.—Rosinha (*beijão-se*).

ANTONIO.—Os beijos nas senhoras barateião-se muito. É moda entre ellas, e quando será entre ellas e nós?

MARIA.—Beije ao mano Julio; imite-nos, se tem inveja.

JULIO.—Dispensó laes affectos, goso saude, não careço de medicamentos.

ROSA.—Se elle fosse alguma deidade.

JULIO.—Dispensava da mesma fórma.

ANTONIO.—Que vestal! Julio, estavas bom para freira.

MARIA (*para Angelica*).—Recebi teu convite, minha amiga, mas meu pai se acha doente, e não deve ficar só em casa. Justifica-se ou não a minha falta?

ROSA.—Eu a vim convidar e tenho o mesmo desengano.

ANGELICA.—Supponho que eu me lembrei primeiro de ti, Mariquinhas.

MARIA.—É verdade. Quando Rosa chegou, já eu tinha respondido ao teu convite.

ROSA.—Angelica, tú tens sempre melhores idéas do que eu, e a prova é que já....

ANGELICA.—Estou casada? Não é assim? Obrigado, Rosinha; achas-me feliz?

ANTONIO.—E como? Com um negociante rico, e com tentções de ser ainda mais rico com suas transações.

JOÃO.—Deve isso ao seu credito, e a sua honra. O Sr. Casimiro tem intelligencia para ser grande commerciante.

ANGELICA (*ironia*).—Sou muito feliz! Hei de ser milionaria!.....

JULIO (*á parte*).—Ella feliz! Oh! quanto sou desgrado! Ella feliz! Ella que casou contra vontade! não o creio.

MARIA.—O Sr. Casimiro não vem? Já pouco nos apparece.

ANGELICA.—Deixou-me a tua porta, e ficou de mandar-me o palanquim para conduzir-me á casa. Elle anda sempre occupado.

ANTONIO.—Se faltar quem carregue o palanquim, aqui estou eu e Julio...

MARIA.—Que bonitos carregadores. (*rindo-se*) Ião atirar-te no chão, Angelica.

ANGELICA (*para Antonio*).—Muito obrigada. Quero-os para amigos de meu marido, e não para creados da mulher do Sr. Casimiro...

ROSA (*á parte*).—Julio ama esta mulher, mas ella é casada! Descubro n'elle embaraços em sua presença. E me despresa! abandona-me ao meu amôr! (*fica triste*).

MARIA (*conversando com Angelica*).—Se meu pai melhorar, irei, não é assim, meu pai? Não havemos de consentir que Angelica fique triste, quando depende de nós a sua alegria.

JOÃO (*á parte*).—A mocidade da-lhe azas para voar ao prazer, o dever de amizade as corta para conte-la na tristeza. (*alto*) Sim, Maria, se eu melhorar irei mesmo levar-te ao theatro. E de mais estou deseioso para ver o artista empresario, trabalhar, pois admiro sempre a sua habilidade em todos os papeis que desempenha.

ANGELICA.—Será possivel. Dar-nos-lia tanto praser? O Sr. Mauricio ir ao theatro...

JOÃO.—Apezar de não ter sido convidado... quantos não vão lá de meia cara, assim como eu hei de ir hoje?

ANGELICA.—Meu Deos! Desculpe-me, senhor Mauricio...

e eu ousava a tanto. convidal-o, competia ao Sr. Casimiro.

ANTONIO. — Pois bem, nada de desculpas. Dividamos a questão ao meio, minhas senhoras, a respeito dos convites que fizerão ao Sr. Mauricio. Se o Sr. Mauricio for ao theatro com D. Mariquinhas, esta ficará no camarote de D. Angelica, e o Sr. Mauricio no nosso camarote, não é assim, Rosinha?

ROSA (*seccamente*). — Com muito gosto. Será um consolo ter o pai, já que não temos também a filha.

JOÃO. — Esse consolo é triste na verdade, não, D. Rosinha? Eu se a velho rabugento, e sem saber galantear. D. Rosinha não gostou do quinhão! Pois bem, se não for eu, irá meu Julio, elle tomará o meu lugar no camarote de D. Rosinha e do Sr. Antonio.

JULIO (*áparte*). — Eu! Não me faltava mais nada. (*alto*) Isso seria peorar a sorte de D. Rosa.

ANGELICA. — Agora não tem razão de queixa. Quando não, irão todos para o meu camarote.

JULIO. — Não consinto que me disponhão como um fardo, uma teteia, uma bijuteria, sem me consultarem. Eu vou para a platéa, não gosto de fazer calôr á D. Rosinha e de encommoda-la, bem como a Sra. D. Angelica.

ROSA. — Senhor Julio, o Sr. está hoje delicado como . . .

JULIO. — Um Elefante.

ROSA. — É o Sr. quem diz; a sua sagacidade é . . .

JULIO. — Como a da raposa, não?

SCENA 7.^a

Ditos e Paulo.

PAULO. — Quem é a raposa? És tu, Antonio?

JOÃO. — O Sr. Paulo, é comnosco.

PAULO. — Senhora D. Angelica, os escravos de V. Exc. esperão á porta com o palanquim.

ANGELICA. — Parto já. Estou primeiro catequisando a esta moura (*para Maria*) quero fazel-a christã. Promettes ir Mariquinhas?

PAULO. — D. Mariquinhas está renitente em ser pagã?

JOÃO. — Eu a hei-de resolver a receber o baptismo. Em casa de christão não entra judêo.

ANGELICA. — Espero por ella. Adeos, Rosinha (*beija Rosinha*).

ROSA. — Adeos, Angelica. (*beija Angelica*).

ANGELICA.—Senhor Mauricio.

JOÃO (*erguendo-se da cadeira*).—Querem ver que a Sra. foi a visita de saude que me veio á casa? Já me fico de pé. Olá! Já movo as pernas. (*experimentando*) Vês Julio? Estão quasi ao natural.

JULIO.—Não sentís mais essas agudas dores que vos molestavão tanto.

JOÃO.—Não... não... Oh! supponho poder ir hoje ver e ouvir o Marinheiro de S. Tropez. Diz-me Maria que brilhão nesse drama, Marinheiro de S. Tropez, os dois primeiros artistas da companhia....

PAULO.—Trabalhão como insignes que são.

ROSA.—Melhor é o Marinheiro do que a mulher.

JULIO.—Ambos são grandes na arte dramatica, mas gosto mais da mulher. (*á parte*) Vejamos se tem ciumes de mim.

JOÃO.—Mas o Marinheiro deve agradar ás moças.... O Sr. Paulo tem razão de applaudir a mulher. Eu se fosse rapaz, a cobria de flores, dava-lhe applausos, ella é bonita e os merece. Oh! artistas assim não são communs.

ROSA.—O papel do Marinheiro é trabalhado com profundezza e arte... com escola... e mais talento.

ANTONIO.—Olhem a mana como falla da arte! Parece um lente de cadeira a dar lições!

PAULO.—Tem seus conformes... a actriz é sublime....

ROSA.—Ora, Sr. Paulo, ella não olha para o Sr., e o mesmo faz a esses papalvos que a applaudem.

ANGELICA.—O que segue-se é que ambos agradão. Pois hem, Sr. Mauricio, espero pelo Sr.; podemos apreciar aos dois sem questão como nossos predilectos, visto como somos apreciadores de ambos. (*despedindo-se de Paulo*) Até a noite. Espero que o Snr. Paulo não continue a vender-se tão caro. (*para Antonio*) Senhor Antonio. . .

ANTONIO (*fazendo cortezia*) Minha Senhora!... Conte com o mais humilde de seus criados.

ANGELICA (*para Julio*).—O Sr. Julio tambem fugio de nossa casa como se toramos inimigos.

JULIO (*atrapalhado*).—Não, minha senhora... o Sr. Casimiro tem sempre affazeres.

ANGELICA.—As noites estamos sempre solitarios.

JULIO (*á parte*).—Ah! maldito Casimiro! Arrebataste-me aquella que muito amei, que muito ainda amo!

MARIA (*para Angelica*).—Conta comnosco (*beijão-se*).

JOÃO.—Eu quero acompanhá-la até a porta. Olha lá! Já ando como um dansarino, tão lepido estou. (*sahem todos menos Julio e Antonio*).

SCENA 8.^a

Julio e Antonio.

ANTONIO.—É agradável esta pequena. O Rio de Janeiro tem lindos rostos. Se me não engano de lá vem o grande conhecimento que tens com esta senhora.

JULIO.—Conhecia-a no Rio. . . dei-me muito em casa de seu pai. . . ella casou-se. . . e. . . E não achas que D. Angelica está mais bella do que a primeira vez que veio ao Maranhão, quando a recommendei a meu pai?

ANTONIO.—Sabes o que eu acho? Não vai a desconfiar.

JULIO.—Não. Podes fallar.

ANTONIO.—É que. . . Se D. Angelica fosse solteira ou viuva, tu casavas-te com ella e assim a prophécia da cigana ficava completa, e eu crendo na buenadicha.

JULIO.—Porque dizes isto?

ANTONIO.—Porque, ha um anno e dez mezes, quando veio o Sr. Casimiro ao Maranhão estabelecer-se no commercio de compra de algodão, sube que foi em virtude de recommendação tua a teu pai, e pela belleza da mulher, disse: aqui ha cousa. Conheci logo que te apaixonaste por D. Angelica, e acredita que ella não te foi indifferente, se é que a amaste em solteira.

JULIO.—Lembro-te de que fallas de uma senhora casada. Todo o respeito é pouco. . .

ANTONIO.—Logo vi que te formalisavas commigo. Respeito a D. Angelica como casada. É de uma familia boa da corte, não é assim? E o que tem isso com a espontanea tendencia do amor. Julio, o amor faz das suas. . . e. . .

JULIO.—Antonio! Antonio!

ANTONIO.—Olá! Temos inimigos na praça? Entraste em fórma como um recruta. Julio, quero que sejas franco cora este teu velho amigo. Tu amaste e occultas como é do teu dever, porque és homem de bem, esse infeliz amor, que primeiro aninhou-se no teu coração. Não direi em minhas cartas a Eduardo, que estás apaixonado, por que alem de uma levianidade, era um crime. Mas, sê franco, desabafa-te, não sou eu um amigo verdadeiro? Eu desconfiei, Julio, que pretendias nos azares do jogo sepultar os azares de um amor infeliz.

JULIO (*contristado*)—És. . . És um dos poucos amigos que tenho, aquem posso confiar os meus segredos. Tens um genio alegre, e brincalhão, mas és formado de um coração generoso e de alma grande. Antonio, amo ainda como. . . amei outr'ora: Oh! amo a D. Angelica, mas esse amor morrerá aqui (*apon-*

tanto para o coração). Aqui, meu amigo, por que ella pertence a outro. O Sr. Casimiro já não era criança, quando roubou-me a mulher que eu idolatrava, mas era rico, e Angelica foi, como D. Mathilde, vendida e entrou no deve e haver dos livros mercantis d'aquelles que mercadejarão sua mão! Recommendei a meu pai o seu marido que vinha estabelecer aqui uma casa de commercio; e quando eu vim do Rio elle tinha deixado o Maranhão. Fêra a Liverpool arraujar seus negocios de correspondencias para remessas de algodão, e D. Angelica seguiu seus passos, como um thesouro de muita valia para mim, e que valia para o Sr. Casimiro o mesmo que sua mala de viagem. Oh! isto revolta-me! tortura-me!

ANTONIO.—Ainda bem que já mereci de ti alguma coisa; confiaste-me os teus segredos, agora cala-te, que temos importunos. Lembra-te da prophesia da cigana. Diz a buenadicho, que casarás com uma viuva.

JULIO.—Angelica é casada, e já vês que não será com ella.

ANTONIO.—Será com outra, é o mesmo, visto que a predicao dizia—com uma viuva. Silencio!

SCENA 9.^a

Ditos, João, Rosa, Maria e Paulo.

JOÃO.—Veio que os doidos se reuñem.

PAULO.—É verdade, Sr. Mauricio, nós somos uns loucos.

MARIA.—Pelo que se julgam tambem?

ANTONIO.—Por estarmos ainda solteiros. Não é assim Paulo?

JULIO.—Não compromettas a Paulo, elle tem ordens para não amar.

PAULO.—Ordens, eu!

JULIO (*á Paulo, baixo*).—Vê como D. Rosinha está bella. Já sabes as ordens de quem são.

PAULO (*á parte a Julio*).—Sempre me desprezando. Nem ordens me quer dar.

MARIA.—O que tens, Rosa? Com a entrada do Sr. Paulo ficaste triste?

JULIO.—D. Rosinha não quer desagradar ao ditado, amor nunca descança. O bichinho roe-lhe o coração. . . de. . . será por que D. Angelica partio? Estaes triste D. Rosa, como as flores da noite, que ao romper do dia perdem a belleza e as cores.

ROSA.—Como está poetico. Porque não escreve algum poema?

JULIO.—Paulo, supponho que D. Rosa falla contigo, por ver-te ahi a seismar.

PAULO.—Commigo!

ROSA.—Está muito espiritoso o Sr. Julio. Deu para gaiato; veja se o empresario do theatro o contracta.

JOÃO.—Ai de mim! Já anda o froteio de ha pouco. Julio, prohibo-te de enfadares a D. Rosinha; não gosto de vel-a zangada.

SCENA 10.^a

Ditos e Carlota.

CARLOTA.—O almoço está na mesa.

JULIO.—Venha esse consolo para D. Rosinha. O almoço deve abrandar o seu genio bellicoso.

ROSA (*ironica e raivosa*).—Está amavel! Que verdadeiro cortezo! Duvido que Rechilieu fosse mais politico na corte de Luiz XV.

JOÃO (*para D. Rosa*).—Não faça caso d'elle. (*á parte*) Ella morre de amores por meu Julio. (*alto*) Nós conversaremos melhor á mesa; vamos, meus amigos.

ANTONIO.—Os idiomas que eu melhor entendo, são estes de um jantar.

JOÃO.—Pois vamos conversar com o almoço; elle nos espera.

JULIO.—Paulo, conduz D. Rosinha. . . imita, já que eu não posso, ao duque de Rechilieu.

ROSA.—Obrigada, sei conduzir-me só.

JOÃO.—Sr. Paulo, vamos! Sem cerimonia (*schem todos*). Sr. Antonio.

SCENA 11.^a

JULIO.—Vamos ao prosaico almoço, já que a poesia foge de mim.

SCENA 12.^a

Julio e Esmeralda.

ESMERALDA (*canta fóra*):

Sou feliceira cigana.

A buenadicha sei ter!

Sou bruxa, que diz ufana

O futuro já saber!

Sei as sinas dos humanos

De todos conhego a sorte!

Dou esperanca, desenganos,

Annuncio vida e morte.

(*Aparece na porta e falla*):

Uma esmolinha para a pobre Esmeralda!

JULIO (*apontando para Esmeralda*).—Sempre esta mulher!

FIM DO 1.^o ACTO.

ACTO II.

A DESPEDIDA.

A mesma sala do 1.º acto.

SCENA 1.^a

MARIA (*sentada e triste*). — O tempo tudo muda e destrae sem deixar muitas vezes vestigios do passado. Quando suppuz eu, que meu irmão Julio, se havia de entregar a uma paixão tão violenta! Elle, que sobranceiro olhava para todas as moças, e as desdenhava! . . . Hoje anda pensativo, triste e suas feições transtornadas! . . . Já não é jovial e folgazão, depois da morte do esposo de Angelica! As prophecias de uma pobre cigana. . . coitada! talvez que ella leia a buenadicha, não como credula, mas como astuciosa, que enxergou nisso um meio de ganhar a subsistencia. Mas a viuvez de Angelica. . . oh! este acaso faz-me duvidar da verdade! Como acreditar na mentira! . . . se essa pobre mulher triumphava, apezar meu! Pobre Angelica! O que seria d'ella, se meu pai não cedesse aos nossos rogos, se não perdoasse á viuva as offensas do esposo morto? Desamparada, sem amigas! Oh! ella ficava pobre de mais para ter amigas. As amigas de sua riqueza abandonarão-na! Ainda sinto por ella a mesma affeição que senti, quando a vi pela primeira vez. Se Julio a esposasse. . . Mas. . . meu pai não quer. . . e elles amão-se muito, e julgão occultar esse amor aos olhos dos mais. . .

SCENA 2.^a

Maria e Paulo.

PAULO. — Dá licença, D. Mariquinha, venho encontra-la tão pensativa! É verdade; a Sra. deve estar triste. D. Angelica parte d'aqui a uma hora. Sabe-me dizer aonde está Julio? Não se vê mais a esse antigo brincalhão, o inimigo das bellas.

MARIA. — Elle deve estar no seu quarto, se não sahio. Julio, Sr. Paulo, está muito mudado, muito desfigurado. Coitado, mette pena vê-lo assim. Meu pai soffre tanto com este estado de seu filho. . .

PAULO. — Tudo isso ha-de passar. Esta vida é assim; tem

sua parte de comedia, que toca á farsa; momentos dramaticos, e muitas vezes acaba tragicamente. Eduardo, quando souber em Roma que Julio está soffrendo do mal que longo tempo lhe corroe o coração, considerar-se-ha vingado.

MARIA.—E o que julgaes de Julio? Sr. Paulo?

PAULO.—Que elle ha-de, como Eduardo, esquecer-se d'aquella que ama.

MARIA.—O que dizeis, Sr. Paulo?

PAULO.—Digo que D. Angelica páte para o Rio de Janeiro, recolhe-se ao seio de sua familia, e Julio distrair-se-ha entre nós, como Eduardo entre as maravilhas da capital dos Cezares; e como este esqueceu-se de D. Mathilde, aquelle se ha-de esquecer de D. Angelica.

MARIA.—Assim, não ha constancia no amôr?

PAULO.—Não. E a senhora acredita em tal?

MARIA.—Então se o Sr. Paulo partisse, Rosinha não seria mais aquella, por quem o Sr. morre de amores?

PAULO (*á parte*).—Espichei-me como um deputado novo. (*alto*) Eu... sim... Eu seria a excepção da regra. Commigo não se entende o anexam antigo. «Longe da vista, longe do coração.»

MARIA.—Eu não o creio.

PAULO.—D. Mariquinhas, aquella sua amiga fez-me perder a tramontana! Eu amo-a, e amo-a muito, e ella? Ella despreza-me, aborrece-me, e... isto era de afogar o amor mais vigoroso e vehemente logo ao desabrochar. Eu amo-a e amo-a mais do que Julio ama a D. Angelica, e ella zomba de mim e despreza todo este amor, como Julio despreza o que ella lhe consagra. Isto não é andar tudo torto? E dizem que o coração das mulheres é meigo, terao e amavel! Só se era o dos bisavós dos avós das actuaes, porque estas... Oh! quizera dispor de um raio...

MARIA.—Jesus! O que pede?

PAULO (*tranquillo*).—Eu? Fogo para charuto (*tirando um charuto*).

MARIA.—O Sr. insultava-nos... obrigada pela parte que me toca.

PAULO.—Desculpe-me, D. Mariquinhas, eu sinto aqui dentro um volcão. (*pondo a mão no coração*) Aqui, (*pondo a mão na cabeça*) um brazeiro... Oh! eu sou todo fogo...

MARIA.—Aproveite, Sr. Paulo, e accenda o seu charuto.

PAULO.—D. Mariquinhas, a Sra. manga commigo, tem razão. Eu ando apaixonado, não como Julio, que se mortifica, nada d'isso; mas a meu modo... a minha paixão é domavel... é.

MARIA.—Comprehendo. Rosinha herdou de seus pais uma lavoura, e o Sr. Paulo quer ser um agricultor moderno, quer experimentar se o arado e a charrua servem no Brazil?

PAULO.—Que injustiça! Eu não amo a fortuna de D. Rosa.

MARIA.—Ahi vem Angelica. Esta é amada differentemente, e bem vêdes, é pobre.

PAULO (*á parte*).—Não me enganava, quando suspeitei que Julio amava, ha muito tempo, a uma mulher, era a D. Angelica... Negocios da côrte... lá namora-se ainda no berço.

SCENA 3.^a

Maria, Paulo e Angelica.

MARIA.—Porque choras Angelica? são lagrimas de saudades?

ANGELICA.—Não te deixo Maria? Não queres que o meu coração... (*reparando em Paulo*) Bons dias, Sr. Paulo, julgava Mariquinhas aqui só.

PAULO.—A Sra. D. Angelica deve chorar, as lagrimas brilhão tanto nos seus lindos olhos como as gotas do orvalho nas petalas de uma rosa.

ANGELICA.—Essa fineza não agradaria a D. Rosinha, apesar de trazer o nome d'ella em vossas comparações.

PAULO.—Menos a contentaria, se fosse dita pelo amigo Julio.

ANGELICA.—O Sr. Julio... é verdade, aonde está elle? Devo-lhe tantos favores... o Sr. Paulo sabe que a desgraça, ha dois mezes, arrebatou-me em suas negras azas, a felicidade. A quebra do Sr. Casimiro... e a sua morte repentina, deixou-me redusida á miseria, e essa vida cheia de venturas que meu pai sonhava dar-me, quando casou-me, evaporou-se como um sonho. Da familia do Sr. João Mauricio tenho recebido carinhos, afagos e favores...

MARIA.—Sr. Paulo, não entristeça o coração de Angelica. Oh! eu sinto as lagrimas correrem-me pelas faces. Minha amiga, deixaes-nos muita tristeza.

PAULO.—Eu... eu nada fiz que... creia D. Mariquinhas, que...

ANGELICA.—Maria, julgas que me hei-de esquecer de tua bondade? Meu marido sacrificando teu pai em não poucos contos de reis, ainda ousou o denunciar como... Oh! Elle já não vive... Com os rogos de Maria, com os pedidos do Sr. Julio, o Sr. Mauricio esqueceu-se das offensas do marido, dando abrigo á viuva, desamparada e entregue á miseria! Quando

me deixo arrastar em meus pensamentos lugubres. . . Maria, muitas vezes lembro-me de um crime. . . Oh! Se ainda não nutrisse uma esperança!

MARIA.—O que dizes, Angelica!

ANGELICA.—O suicidio! sim, o suicidio dar-me-hia alivio. É o melhor remedio para a infelicidade.

PAULO.—Grande Deos! Pois D. Angelica quer refugiar-se da desgraça ao seio da morte? (*á parte*) Esta ama ainda a Julio, como antes de casar.

MARIA.—Angelica, tu vâes partir; recordar-te-has de nós por algum tempo e. . .

ANGELICA.—É por fim me hei-de esquecer?

MARIA.—Segundo a theoria do Sr. Paulo.

PAULO.—Minha, não. . . da velha experiencia, da pratica antiga e sabida.

ANGELICA.—O Sr. Paulo julga os mais por si? Achaes que me deyo esquecer de um sem numero de obsequios, dos grandes favores que ha dois mezes, me prodigalisão amigos devotados, que esquecendo-se das offensas do passado, que me contristavão, esmerão-se presentemente para suavisar os meus infortunios? Maria, hoje a tua amiga Angelica não te pode retribuir favores, que a ostentação e a opulencia facilitão, porque o seu marido arrastou-a para a pobreza, na carreira ambiciosa, em que ia, para chegar á grandeza. A ambição, cegando-o, tive eu de soffrer duros golpes. Deixei-me levar, qual batel sem leme, que a corrente impetuosa arrebatava. Felizmente não perdi tudo, restavão-me protectores, amigos, e não maldigo a sorte, que me arremessou para o que dantes era eu. . . para a pobreza. Na pobreza me julguei feliz e ninguém sabe o quanto me custou essa apparente riqueza que nem vestigios deixou.

PAULO.—Ah! minha senhora, quando se tem a paz do espirito, o socego do coração, tem-se a felicidade, goza-se da vida, embora se seja pobre; mas se tudo isto nos falta, se nossas acções e obras poem-se em antagonismo com os dictames da consciencia, somos desgraçados, ainda mesmo no meio das riquezas.

ANGELICA.—Folgo de ouvir essa linguagem, Sr. Paulo, a felicidade não está no dinheiro, oh! sim. . . a felicidade. . .

SCENA 4 .

Maria, Angelica, Paulo e João.

João.—A verdadeira felicidade, a felicidade da alma, aquel-

la que nos aproxima de Deus, consiste em fazer bem, sem olhar aquem. De que servem os cofres entulhados de ouro, quando a avareza e a somiticaria. . . . Oh! bons dias, Sr. Paulo. Vem procurar o seu amigo?

PAULO.—Não o vendo, ha muitos dias, o julguei doente. . .

JOÃO.—Vinheis vel-o, é natural. D. Angelica, ja mandei embarcar vossa bagagem para a achardes a bordo, debaixo de coberta enxuta. Na verdade, vós partis e deixaes-nos consternados! Tivestes taes meios. . . com tal seducção gravastes em nossos corações os vossos feitos, as vossas bondades, que difficil será apagar-se nelles este nome de Angelica. Sinto já ser velho, estar no ultimo quartel da vida, e ter soffrido alguns reveses ultimamente.

MARIA.—Meu pai! Não falleis mais nisso.

ANGELICA.—Deixa, Maria, que teu pai desabafe. Sei, Sr. João Mauricio, o quanto vos devo. Meu fallecido marido, esqueceu-se do que vos devia, para insultar-vos, ferir-vos na vossa honra e tentar. . . (*movimento de João*) Deixai-me dizer, e tentar contra vós que tinheis o direito de merecer a sua estima, e respeito. Mas a viuva não tem culpa, oh! ella ignorava (*chora*) a desgraça que lhe estava eminente!

JOÃO.—Basta! Senhora, basta! As vossas lagrimas não vão escaldar somente a vossa alma. Envolvidos na vossa dor, sentimos tambem a noite dentro do peito, e o nosso coração desmaiar de tristeza.

ANGELICA (*afayando João*).—Sois a bondade, senhor! Sois tão generoso! . . .

JOÃO (*á parte*).—Eu fraquejo, apesar meu. (*alto*) Senhora não sou dos melhores, tenho meus timbres, meus melindres; e quando tocão em minha honra. . . Oh! (*algum tanto alterado*).

MARIA.—Meu pai, não deveis descobrir maldade, aonde ella não existe.

Paulo.—O Sr. Mauricio que por todos é reconhecido como o symbolo da honra, não encontrará quem ouse macular sua memoria, seu nome de negociante e suas virtudes que realção como a luz solar. Sois um homem de bem! . . .

SCENA 5.^a

Ditos, Antonio e Rosa.

ANTONIO.—Um verdadeiro homem de bem! Bons dias, Sr. Mauricio, trata-se do Sr., não é assim?

ROSA (*beijando Angelica*).—Julguei já não encontrar-vos, D. Angelica.

PAULO (*á parte*).—Por isso vinha alegre. Que carão!

ANGELICA.—Chegastes ainda a tempo, minha amiga, e não sabeis o prazer que me dáis em conceder-me a honra de dar-vos, o meu abraço de despedida. Levo tantas saudades!... (*Rosa beija Maria*).

ANTONIO.—De mim tambem D. Angelica?

ANGELICA.—De todos; senhor!

ROSA (*á parte*).—Assim falla em Julio! aquella buenadicha: mas onde elle está? É ver a lua sem Venus...

JOÃO.—Sempre haveis de ter novas deste povo, em quanto eu for vivo, por que vos escreverei, por mim e por elle.

ANTONIO.—D. Angelica, deixe-me beijar essa mão que nos soube subjugar a todos.

ANGELICA.—O que dizeis é bondade vessa.

JOÃO.—Dê D. Angelica essa mão amiga, deixe que nella se imprima o osculo da amizade.

ANGELICA (*dando a mão*).—Os vossos osculos ficarão impressos em meu coração.

ANTONIO (*beijando e á parte*).—Ella estará apaixonada por mim?

ANGELICA.—Sr. Paulo (*dá a mão á Paulo para beijar*).

PAULO (*á parte e atrapalhado*).—Assim a queima roupa... Diante de D. Rosinha.

ANTONIO (*beijando á mão de D. Angelica*).—Beijo eu por elle... por D. Mariquinha... por mana Rosa, pelo Sr. Mauricio... por Julio... (*Angelica puxa a mão*).

JOÃO (*á parte*).—Meu Deos! Ella o ama! (*alto*) O Sr. Paulo recua diante de uma mão de jaspe?

ANTONIO.—Eu desempenhei o seu papel perfeitamente e se pedem *bis*... *bis*...

ANGELICA.—O Sr. Paulo teve escrupulos... talvez tenha ordens...

MARIA.—Não quiz descontentar alguém.

JOÃO.—Se fôra eu... dava um cento, mil osculos nessa mãosinha.

ANGELICA (*dando-lhe a fronte*).—Para vós Sr., aqui tendes a minha fronte.

JOÃO.—Oh! respeito-vos muito para... (*á parte*) Deixo-me levar em tal brandura, que temo naufragar por fim, e baqueiar de encontro aos encantos desta bella fluminense.

SCENA 6.^a

Ditos e Carlota.

MARIA.—Carlota, é o almoço que está na mesa?

CARLOTA.—Sim, senhora

JOÃO.—Já não vem muito cedo, já erao horas. Sentia fome, ando tão fraco, e hei soffrido de mais, nos ultimos tempos de minha vida. Vamos, meus amigos, o almoço não será succulento, mas servirá para alentar um pouco o estomago. (*Jando o braço a Angelica*) A Sra. deve comer um pouco, confortar-se, porque diz o ditado: Quem vai para o mar, avia-se em terra.

ANGELICA.—Devo comer, como quem vai de viagem. (*sahem*).

ANTONIO (*seguinto-os*).—Ou mesmo como quem fica em terra, como eu por exemplo (*sahé*).

SCENA 7.^a

Rosa e Paulo.

PAULO.—Não quer, não vem almoçar, D. Rosinha?

ROSA.—Tenho de prestar-lhe contas do que devo fazer?

PAULO.—Sempre aspera e cruel!

ROSA.—E o Sr. teimoso e importuno, como um velho namorado.

PAULO.—Se mais de um milhão de vezes tenho-vos dito que vos amo! Que vos amo, como Julieta... (*á parte*) que asneira lia dizendo! (*alto*) Como Eloisa a Abelard.

ROSA.—Basta... basta... e eu? Eu tenho o prazer de dizer-lhe pela ultima vez que vos não amo, não amo, e não amo. Irra! que sanguessuga.

PAULO.—Tambem não sois amada, D. Rosinha. Ha jogo e igual, temos a mesma sabedoria e fortuna, somos parceiros iguaes, e as nossas cartas não promettem mais a victoria a um do que a outro; por tanto devo dizer-lhe: a Snra. ha pouco entrou alegre, crendo não encontrar a sua feliz rival; suppunha já estar livre dessa terrivel usurpadora de um amor que se lhe metteu em cabeça reconquistar. Assombrada ainda com a figura de D. Angelica, dardeja raios sobre o infeliz Paulo. Eu os receberei, qual outro Franklin, mas... mas a Sra. se ha-de arrepender. Noivos como eu não abundão em Maranhão.

ROSA.—Isso é fome?

PAULO.—É fome, é tudo, mas... D. Rosa... D. Rosinha... Julio ama a D. Angelica e é amado por ella. Oh! a vossa rival conseguiu mais em menos tempo, do que a Sra. toda a sua vida. Estou vingado; é desprezo, por desprezo.

ROSA.—Vá almoçar, Sr. Paulo, o Sr. está amavel...

PAULO.—Sim, eu devo almoçar... (*triste*) Não, eu devo matar-me á fome... A Sra. despreza-me... eu... amo-a... oh! e apesar nosso, somos duas victimas do amor.

ROSA.—Explique-se, não o comprehendo.

PAULO.—Eu amo a Sra., e a Sra. não me ama, é o mesmo; a Sra. ama a Julio, e Julio ama a D. Angelica, desprezando o amor que a Sra. lhe dedica. Eu que tudo sacrifico pela Sr.^a...

ROSA.—V. g. beijar a mão de D. Angelica... (*sahe com desdem*).

SCENA 8.^a

PAULO.—Eclipsou-se! É sempre assim! Mas o homem pertinaz, o homem que nos seus calculos futuros já contou com o dote e fortuna da futura mulher, deve submeter-se a esses caprichos femininos, deve perder o orgulho, o espirito de vingança e o melindre, deve ser afogado no mar das esperanças. Quem porfia mata caça. No entretanto D. Rosa me faz conta, deve ser minha mulher (*sahe*).

SCENA 9.^a

JULIO (*entra pensativo*).—Eduardo! Eduardo! Ha nove mezes, eras tú quem soffria, era eu quem zombava de ti, e hoje? Eu sou quem soffro, tú devias vingar-te. Julio (*senta-se na poltrona*) já não é o mesmo! Já não é aquelle que por toda a parte encontrava motivos de rir e de fazer rir a todos. O jogo que o distrahia, veio a ser-lhe aborrecido, a companhia dos amigos, inoportuna; todos o incommodão! No silencio, seismando no meio da solidão, entregue aos seus dolorosos pensamentos, confrontando o pulsar do seu coração de hoje, com o palpitar de hontem, e tudo isto o amor... essa entidade incognita, esse senhor absoluto, fez desaparecer com a alegria que de continuo resplandecia em meu rosto, partindo do coração. Já de tudo me havia esquecido, em dous annos havia perdido... Mentos Julio, tú sempre amaste aquella que primeira e ultima tens amado. Foste preterido no Rio, como Eduardo o fôra no Maranhão, e procuraste nas orgias, nas bancas de jogo, nas libidinagens, nas

extravagantes sociedades, perverter o teu coração, que não era feito para essa vida! Nescio! como o fogo occulto nas cinzas, conservaste o calor abrazadôr, tú que julgaste o teu amôr extincto, e elle te abraza agora, como hontem, como sempre! Coragem, Julio, ella vai partir, debes deixal-a ir. Oh! sabes que teu pai não levaria a bem esse casamento com a viuva d'aquelle que, falsificando-lhe a firma e o calunniando em pleno dia, o teria affrontado com a sua bengala, se tú, não o agarrasses, deitando-o por terra, antes de cabir o golpe sobre a cabeça de teu pae. Oh! não sei (*ergue-se*) se foi o ciúme ou o amor filial que me deu tanta coragem, tanta força! Meu pai já sabe, e se o não sabe, desconfia deste amor. Se a seus pés eu lhe dissesse: Meu pai vosso filho... ama! é amado! Oh! elle quer ser esposo de Angelica.

SCENA 10.^a

Dito e João.

João.—Elle responderia: Não! nunca o será!

Julio.—Senhor! Eu... eu... nada supplicava... nada pedia.

João.—Porque não me tens considerado teu amigo e me occultas os teus desgostos, deixando a teu velho pai que os advinhe, e alimentas occultamente as tuas magoas, e porque? Temes ver teu pai revoltar-se contra ti? Então te envergonhas da acção que tentas praticar? Quem deve ser o teu mais sincero amigo, esses a quem o folguedo te reúne, ou teu pai que te ama extremosamente? E com tudo a elles debes ter aberto o teu coração, em quanto o fechas para mim com receios e mysterios.

Julio.—Meu pai! meu bom pai!...

João.—Acabei de uma doença que me derrubou alguns mezes; tive de passar por dissabores que um traidor... Deos lhe perdoe... mudemos de conversa. Dize-me, queres matar teu pai?

Julio.—Como? Eu matar-vos? Evós acreditaes?

João.—Devo ser para contigo o que não tens sido para conmigo, isto é, devo ser franco, como deve ser um pai, que não se esquece de seus deveres. Julio, tú amas, (*Julio abaixa a cabeça*) amas, não me negues. Esse teu silencio! Essa humildade! Escuta-me: já havia descoberto esse amor em tempos que era enfão um crime o revelar, mas depois da morte do falsario Casimiro, desse salteador... Oh! erguer contra mim

a mão armada! Contra o seu amigo, contra aquelle que o tinha ensinado a ser honrado! E porque? Por que, atrevi-me a dizer-lhe que a sua quebra era fraudulenta, à vista da sua escripta! Miseravel! . . . Mas, Julio, tu amavas essa menina . . . sim . . . seu marido morreu, e eu não consinto e nem devo consentir que a viúva de Casemiro, do meu detractor

JULIO.—Perdão, senhor, mas supponho que nada ainda vos disse, que merecesse esse modo de fallar. Se amo a Angelica o meu coração só sentindo esse amor infeliz, irá supportando os effeitos de um mal irremediavel; nada tendes que partilhar . . . Eu sou um nescio! . . . Deixai-me, deixai-me, meu pai, engolfado na minha desgraça que ha de amargar o resto dos meus dias. Vós quereis uma confissão—quereis a verdade, que eu seja franco! . .

JOÃO.—Não me atrevo a ordenar-te, peço-te, franqueza, meu filho. Talvez ainda pesses fazer calar esse sentimento de tua alma.

JULIO.—Ouvi-me. Durante quatro annos que estive no Rio de Janeiro, dei-me sempre com os pais de D. Angelica, meus vizinhos, e a encontrei ainda pequena, mas já como a rosa que de botão mostra a belleza que deve ter desabrochada; e depois de frequentar dois annos a casa dessa familia, Angelica estava uma moça linda e encantadora . . . Oh! eu principiei a amal-a! a amal-a e muito!

JOÃO.—E era com ella com quem pretendias casar? Quando me fallavas em tuas cartas de uma alliança pobre!

JULIO.—Sim, senhor, mas eu esqueci-me de que as almas dos commerciantes pequenos, fundem-se na casa da moeda, e o pai de Angelica fez cairem as minhas mais agradaveis esperanças, dando a mão de sua filha a um rico negociante, em que elle via um futuro cheio de ventura e felicidade para ella. Um dia o marido de Angelica pediu-me cartas de recommendação para o Maranhão; extranhei que um homem que todos dizião millionario, me viesse pedir cartas de recommendação a mim, simples estudante. Disse-me que era por ser eu filho de um negociante honrado e rico, cujas relações servião-lhe muito, visto que vinha estabelecer no Maranhão sua casa de commercio de algodão. Quando regresssei a esta terra, tinha elle ido para Liverpool. Oh! mas eu mal sabia que esse homem, que me havia roubado a ventura, viesse arruinar-vos a ponto . . .

JOÃO.—De fazer ponto? Espero ainda rehabilitar-me, tenho um irmão rico e elle não me deixará ficar mal. Solteiro e sem filhos, dispondo de grande fortuna, deve ser-me util.

JULIO.—Vi que a minha carta de recommendação abriu nos-

sas portas a esse aventureiro, e sube depois de sua morte, que elle, temendo fazer banca rota no Rio, lançára mão do expediente de estabelecer-se em Maranhão para estender o mal a maior numero de victimas! Mas, Sr., desde que D. Angelica regressou a esta provincia, como durante o tempo de casada, eu sube respeitar a essa que a meus pedidos, e aos rogos de minha irmã, admitistes no seio de vossa familia, quando pobre e isolada chorava a sua desgraça... a má sorte que seu pai lhe deparára... Vós, meu pai... vós que tendes estudado aquelle coração, que a tendes observado, como Lavater, bem podeis avalial-a... a sua indole, os seus modos e acções, perdoadando o mal que seu esposo lhe causára, dizei-me: (*suplicando*) Seja ella tua esposa, meu filho...

JOÃO (*raivoso*).—Nunca! Nunca!

JULIO (*Julio de joelhos*).—Meu pai! Angelica não é culpada. Oh! casada contra sua vontade, levada á face da igreja, para saciar a sede de ouro de seu pai, ella não partilhou dos desvarios de seu esposo que nunca amára, mas cuja honra sempre defendeu. Dai-me uma esperanza!

JOÃO (*incommodado*).—Não! Não! Queres que o publico maldiga o nome de teu pai?

JULIO.—O publico! Oh! (*erguendo-se*) O publico é injusto... elle nunca amou, nunca sentio o que eu sinto agóra.

SCENA 11.^a

Julio, João, Paulo e Antonio.

PAULO.—Afinal encontrei-te, meu Julio.

JULIO (*indifferente*).—Bom dia, Paulo. O que determinas.

ANTONIO.—O Sr. Mauricio não quiz almoçar? Deixou-nos á meza e desculpou-se que tinha que fazer ainda no seu escriptorio, e aqui o vim encontrar.

JOÃO.—D. Angelica almoçou bem? Coitadinha, desfaz-se em lagrimas.

ANTONIO.—Supponho que ha pouco beijei-lhe a mão por mim e por Paulo; pois agora, digo-vos, comi por mim e por ella, que lá a deixei chorando.

JOÃO.—Vou dizer-lhe que se prepare. São quasi horas da partida.

JULIO.—Mas o vapor sahe mais tarde.

JOÃO.—Embarcar dos primeiros, desembarcar dos ultimos.

ANTONIO.—Paulo, vamos ver se com effeito a hora da sahida do vapor foi ou vac ser transferida.

PAULO.—Vamos. (*sahindo*) Até já. Comida feita, companhia desfeita.

JOÃO.—Eu tambem vou preparar-me. (*Sahe*).

SCENA 12.^a

Julio e D. Rosa.

ROSA (*com malicia*).—Ainda chora muito, Sr. Julio?

JULIO (*áparte*).—Deixa-me vingar a Paulo (*alto*) D. Rosinha, a senhora é um anjo, é um d'esses astros luminosos, como aquelle que guiou os Magos ao berço do Redemptor; um astro mandado por Deus, oh! eu lhe darei azas, como deu Jupter a Mercurio, e a senhora será veloz como os telegraphos electricos em proteger este amor puro e santo que consagro. . . .

ROSA.—Aquem? quem?

JULIO.—Vós sabeis. D. Rosa, a senhora não me ama?

ROSA.—Tantas vezes já vos hei confessado este amor immenso, e vós me tendes sempre despresado. . . Sr. Julio, por ventura serei amada.

JULIO.—Sim, e muito. E vós me amaes, ou apenas vos divertis commigo?

ROSA (*alegre*).—Oh! muito! muito vos amo, Sr. Julio.

JULIO.—Sabeis que, quando se ama, tudo se sacrifica por aquelle que é amado? Sim, não ha impossivel para os corações amantes.

ROSA.—Quando se ama, como eu vos amo, Sr. Julio, não ha, nem pode haver obstaculos que o amôr não supere, e sacrificios que se não fação em beneficio do ente querido.

JULIO.—Vós podeis fazer-me feliz. Está nas vossas mãos o meu futuro.

ROSA (*levada ao transporte de alegria*).—Nas minhas mãos! Como?

JULIO.—Pedindo, rogando, implorando a meu pae. . . que consinta. . .

ROSA (*alegre*).—Elle tudo ha de consentir. Eu vos garanto.

JULIO.—Consultei-o ha pouco, oh! e elle disse-me que nunca annuiria á semelhante união.

ROSA (*desapontada*).—O que dizeis? Regeita elle a minha mão de esposa para seu filho?

JULIO.—Não. D. Rosa, mas a de D. Angelica que o filho supplicou-lhe.

ROSA (*raviosa*).—A rainha rival!

JULIO.—Oh! Sêde amavel, fazei por mim um sacrificio digno de vós e d'aquelle que dizeis amar; do vosso amôr. Tor-

nai-vos martyr a meus olhos. D. Rosinha, fazei com que Angelica fique, não siga está viagem, porque isto me mata, oh! a senhora sabe que com ella partirá a minha vida, a minha alma, toda a minha felicidade.

ROSA.—Isso não farei! Oh! eu quero que ella parta.

JULIO.—Não me amaes como dissestes ha pouco!

ROSA.—E julgou o Snr. Julio que eu devia sacrificar a minha pela ventura da outra? O Sr. offende o meu amôr proprio; e despresada por vós, declaro-vos que D. Angelica deve e vae partir.

JULIO.—Sois uma mulher vulgar! E eu que vos cria de alma elevada! Aonde está a nobreza desse amôr, a generosidade do vosso coração? Egoista como todas, como todas, avarenta e ambiciosa da propria felicidade! D. Rosa, eu vos não amo, não vos amei nunca, e nunca vos hei de amar. (*á parte*) Vingo-te, Paulo.

ROSA (*sahindo desesperada*).—Paulo! estás vingado!

SCENA 13.^a

JULIO.—Tirei a minha desferra. Ella nada perde com o desprezo que consagra a Paulo, porque este ama mais o seu dote do que a ella (*vae saindo, volta a encontrar D. Angelica.*)

SCENA 14.^a

Julio e Angelica.

ANGELICA.—Fugis de mim?

JULIO.—Eu?... Oh! assim como a borboleta aproxima-se da chamma que a deve queimar, eu quizéra aproximar-me de vós, embera morresse depois.

ANGELICA.—E comtudo eu hia partir, sem levar o vosso adeos de despedida.

JULIO.—Senhora... não me julgueis tão ingrato, que tendo merecido a vossa estima e confiança, pagasse tão mal essas provas de amizade. Ides partir, é verdade, mas suponho que a nossa separação será por pouco tempo.

ANGELICA.—Ides ao Rio? Será possível? Fallai, Snr. Julio, Oh! sinto renascer em mim a vida quasi extincta.

JULIO.—Ao Rio, aonde estiverdes, a qualquer parte em que vos achardes, oh! D. Angelica, suffoca-me este amôr... Eu vos amo ainda, como vos amei, quando vos vi em solteira, bella e verdadeiramente angelica. Hei calado, no coração, este amôr grande como a vossa belleza, e sube suportal-o durante

o vosso tempo de casada; mas agora que sois livre, e quebrarão-se os grilhões que vos prendião ao jugo de um marido que não amastes! Agora. . .

ANGELICA.—Julio! Vêde o luto que me cobre. . .

JULIO.—Angelica, vós assim me dizeis no Rio «Caso-me, Julio, mas não amo e nunca amarei o Sur. Casimiro.» Vistes para o Maranhão, eu fiquei suffocando a minha infeliz paixão no circulo extravagante dos meus collegas da academia, mas sem praser, no meio dos praseres extranhos.

ANGELICA.—Meu Deos! Julio, e julgastes-me feliz talvez, rica e. . .

JULIO.—Não era possível. Eu sabia que tinha direitos adquiridos sobre vosso coração.

ANGELICA.—Eu tambem soffri muito. Obrigada por meu pai a contrahir um laço contra a minha vontade, tive de perder o vosso amor, ou de adormece-lo no coração por um tempo que julguei eterno, mas nunca desejei a morte do homem que me era indifferente, sendo meu esposo; mas agora que. . . (*como arrependida*). Desculpai-me. . . Não sei o que hia dizer. Ha cousas que se sentem, mas não se explicão. . .

JULIO (*com transporte*). O vosso coração ia dizer a verdade, vossos labios pronunciavão essas palavras de consolação e de esperança. Angelica, dizei-me que me amaes, como me amastes sempre. Oh! Que sereis minha!

ANGELICA (*agarrada nas mãos por Julio*). Oh! deixai-me. . . Eu sinto-me fraca. . . tende dó de mim. . . estes vestidos pretos. . .

JULIO (*de joelhos*). Não; careço de uma promessa vossa, quero, deveis dar-m'a, senão me quereis ver morrer aqui (*tira um punhal*).

ANGELICA.—Julio! Julio! (*arranca-lhe o ferro e lança fóra pela janella*). Oh! quereis tornar-me mais infeliz? (*Julio ergue-se*). Se vos amo, me perguntaes? Oh! quando deixei de amar-vos? Fiel e digna de mim, ao lado de meu esposo, nem por isso julgava-me criminosa pensando n'aquelle que amei muito, que amo bastante, que hei de amar ainda mais, se é possível. Queria partir, e luctava entre a vontade de dizer-vos: Julio, eu vos amo, e o desejo de occultar este amor, porque vosso pai. . . Oh! Recebeu-me em sua casa, deu-me abrigo, arredou-me da miseria e protegeu-me. A elle devo o voltar ao seio de minha familia, que mal poderia obter meios de dar-me uma passagem no vapor, mas vosso pai, resentido das offensas de meu marido. . . Julio, meu querido Julio, para que alimentar esperanças que não nos são permittidas gosar? Appellemos para o céu, já que na terra não podemos ser felizes.

JULIO.—Já não sou desgraçado. Déstes-me vida, restituistes a alma a este corpo que se dobrava para o tumulto. Hoje sou outro. Vai, Angelica, vai, mas espera por mim. As tuas palavras reanimáram-me, derão-me alento e coragem para suportar os dias em que vou deixar de ver-te, já não estou triste. Dize-me: serás minha?

ANGELICA.—E teu pai?

JULIO.—D. Rosa disse-me, ha pouco, que não havia obstaculo que o amor não vencesse e, eu vos amo, Angelica. . . .

ANGELICA.—D. Rosa disse-vos isso? . . . Julio, essa menina está apaixonada por vós! Oh! eu já o sabia. . . vossa irmã contará-me. . . sem saber o mal que me causava. . . Rosa vos ama!

JULIO.—É nisso desgraçada, por que eu a não amo, nem a amarei nunca.

ANGELICA.—Com tudo. . . ella é bella. . . é rica. . . fica, e eu parto. . .

JULIO.—Sois ciosa? Angelica, deveis ser minha esposa em breves dias; eu te juro em nome de Deus!

ANGELICA.—Prometeis-me? Ireis a côrte? Oh! não illudaes a esperança que nutro. Vejo de novo brilhar a minha estrella, longo tempo ofuscada.

JULIO (*de joelho aos pés de Angelica*).—Juro-vos, Angelica! . . .

ROSA (*dentro*).—Ah!

ANGELICA (*tassustada*).—Ouvi um grito!

JULIO (*erguendo-se*).—O echo do meu juramento sem duvida. Alguem chega!

ANGELICA.—Adeos. . . (*sabe veloz*) Adeos!

JULIO.—Já sou feliz! Quem sera o importuno que tão fóra de proposito chega?

SCENA 15.^a

Julio e Paulo.

PAULO.—Julio, felizmente estás só, estimo muito encontrar-te assim.

JULIO.—O que tens a communicar-me?

PAULO (*aparte*).—É forçoso que elle deixe-me o campo livre (*alto*) Julio, tu amas e és amado por D. Angelica; quero dar-te um conselho de amigo.

JULIO.—Falla. Eu te escuto.

PAULO.—Deves no proximo vapor seguir os passos d'aquella que amas e. . . desejo que as prophcias da velha cigana. . . aquella que nos leu a buenadicha. . . se realizem.

JULIO.—E temes que, ficando eu aqui, ellas não se verificarem?

PAULO.—Receio muito; tenho toda a certeza d'isso.

JULIO.—E assim perderás o dote e a fortuna de D. Rosinha.

PAULO.—Isso é o menos, porem o seu amor, a sua pessoa, que é tudo.

JULIO.—Olho hoje tudo pelo prisma da ambição que era capaz de dizer-te: Paulo, tú não amas, ou se amas a D. Rosinha, é pela fortuna que ella tem. E me illudia?

PAULO.—Sempre foste franco. . . pareces ler nos corações alheios. . . O vapor que arrebatava do teu lado aquella que amas, já deita muito fumo e não tardará a partir, e. . .

SCENA 16.^a

Ditos, João, Maria, Rosa e Angelica.

JOÃO.—Vamos. É melhor esperar do que fazer esperar. Os Srs. commandantes de vapores ás vezes esperão, mas é quando o esperado é algum figurão de quem elles pretendem algum favor, ou temem que lhes fação mal, o contrario, são pontuaes como os inglezes.

ANGELICA.—Partamos, Senhor.

JOÃO.—Custa-vos, mas é forçoso partir.

ANGELICA (*abraçando-se com Maria*).—Adeos Maria! (*chora*)
Oh! adeos!

MARIA.—Angelica! minha amiga (*abraca-das beijão-se*).

JOÃO (*limpando os olhos*).—Em eu vendo choro, vem-me logo as lagrimas aos olhos.

JULIO (*para João*).—O vosso coração vos trahie, meu pai.

ANGELICA (*para Rosa com frieza*).—D. Rosa (*abração-se*)
adeos!

ROSA (*abraçando e beijando Angelica*).—Sêde feliz! . . . Oh! sêde feliz!

JOÃO.—As moças despedem-se sempre como se fosse pela ultima vez que tenham de se vêr, e demorão-se mais nesses brinquedos do que hoje se viaja nos caminhos de ferro.

ANGELICA.—Senhor Paulo. . . adeos!

PAULO.—Minha senhora. . . eu acompanho-vos até a rampa.

ANGELICA (*para Julio*).—Sr. Julio Mauricio, permiti que agradeça perante vosso pai, os obsequios que de vós recebi, e por vosso intermedio me fôrão sempre prodigalisados durante o meu infortunio.

JULIO.—Ah! Sr^a, mais quizéa fazer agora mesmo, mas...
Deos sabe que a culpa não é minha.

JOÃO (*dando o braço á Angelica*).—Partamos. (*á parte*) Era capaz de fraquejar.

ANGELICA (*beijando Maria*).—Adeos, Maria! Adeos!

MARIA.—Adeos, Angelica! Adeos!

PAULO (*sahindo*).—Até já, D. Rosinha.

SCENA 17.^a

Maria e Rosa.

MARIA (*á janella*).—Adeos! (*sacode o lenço*) boa viagem!...
boa viagem, minha amiga!

ROSA (*senta-se triste*).—Ella parte feliz, levando a certeza do seu amor, e eu?... fico sem ventura, certa do seu despreso.

MARIA.—Choras Rosinha? São as saudades de Angelica que te entristecem?

ROSA.—Della não, mas do amor que ella roubou-me. Se eu tivesse minha mãe viva, seria a ella que eu contaria as minhas magoas, mas não possuo esse penhor de tantos affectos. Se tú, minha fiel amiga, depositária de um segredo que não posso guardar.

MARIA.—Falla. Conta com a minha não equivocada discrição.

ROSA (*levantando-se*).—Ha pouco, através d'aquella vidraça, que deita para aquelle quarto, neste lugar em que estamos... Maria... oh! sou desgraçada!

MARIA.—Eu te lastimo!

ROSA.—Teu irmão despreza-me! Ama só a D. Angelica. De joelhos, a seus pés! Oh! Quanto se amão!

MARIA.—Agora é que o sabes?

ROSA.—Eu tinha suspeitas... mas, ha pouco, tive a certeza, a realidade terrível, e um grito saído de meu peito turvou por alguns instantes a felicidade de ambos.

MARIA.—Pois quero adiantar-te mais. D. Angelica, quando era solteira, amava meu irmão, e elle a ella; casada, esqueceão-se, agora...

ROSA.—O que dizes? No Rio de Janeiro, já se amavão? É um amor de longa data!

MARIA.—Como lhe cumpria, casando-se, esqueceu-se della, mas, viuva agora, é natural que as flores revivessem, que as esperanças reverdecessem, que o amor apparecesse cheio de força e radiante de felicidade.

ROSA.—Se elle esposar-se com Angelica! . . .

MARIA (*indo á janella*).—O Sr. Paulo lucrará nisso, tú não perdes na troca, e terás deseango.

ROSA.—Não. . . o amor. . . nunca adormece; espera um ensejo, e quando menos se pensa, elle apparece de subido, rissonho como o acordar da aurora, ou hediondo como um espectro, ajustando contas do passado.

MARIA (*vendo para a rua*).—Ahi vem Julio. . . Oh! vem tão triste! coitado!

ROSA (*energica*).—Maria. . . fujamos d'elle! Oh! já o vou odiando.

MARIA.—Vamos para o meu quarto; lá receberei as tuas queixas de amor (*sahem*).

SCENA 18.^a

JULIO (*triste e melancolico*).—Partio! Oh! (*sentando-se*)
o que me resta agora?

SCENA 19.^a

Julio e Esmeralda.

ESMERALDA (*á porta*).—Fé e esperanza nas minhas prophecias.

JULIO (*erguendo-se*).—Esmeralda! (*admirado*).

ESMERALDA (*á porta*).—Lembraí-vos da buenadicha.

FIM DO 2.^o ACTO.

EPILOGO.

O ACCASO.

A mesma sala do 1.º e 2.º acto.

SCENA 1.ª

MARIA (*sentada*).—Meu pai ainda não veio! Mal almoçou e sahio, e o dia vai adiantando-se... Não sei o que incomoda! Elle anda tão melancolico, depois que meu irmão Julio partio para o Rio de Janeiro, isto ha tres mezes, e ainda não o vi rir uma só vez. O que haverá de novo? ... a entrada do vapor do Sul o tornaria timorato? ... o que será?

SCENA 2.ª

Maria e João.

João.—Será o que Deos quizer. Terrivel calamidade! Verdadeira desgraça! (*senta-se*) Um joven de tanta esperanza, no verdor dos annos, que na lucta da fortuna soube vencer-a, adquerindo-a, morrer nos abysmos do mar! Oh! isto custa muito.

MARIA (*afflicta*).—O que ha de novo, meu pai! Vejo-vos tão alterado que perco por minha vez o socego. Soubestes novas do Sul! Julio vos escrevêra, meu pai?

João.—Não! ... não; e eu nada sei do vapor, e comtudo o vapor bem podia dar-nos novas d'esse infeliz. Podia sorprendel-o agarrado a uma taboa, a um mastro, a qualquer cousa que boiasse, e assim salva-o.

MARIA.—De quem fallaes? Grande Deos! ... meu pai. Julio naufragou?

João (*zangado*).—Julio! e sempre Julio! Maria, Julio já não é meu filho, é um homem independente, senhor de suas accões, e livre para fazer o que quizer. Tive um filho com esse nome, perdi-o ha tres mezes. Esse era obediente a seu pai e muito seu amigo, ao passo que esse Julio de que fallaes não o é. Maria, espero que attendas as minhas supplicas e te compadeças das minhas lagrimas, não me fallando

mais de Julio. Sabes que partio, sem commover-se do estado agoniante em que lançava seu pai. Ingrato! Correo a encontrar-se com aquella, a quem quasi contra a vontade paterna, quer unir-se em matrimonio. Oh! não me falles mais nesse mão, nesse filho degenerado. Julio é rebelde ás sagradas leis da natureza, porque o filho que desobedece a seu pai, conspira-se e esquece-se dos seus deveres... E eu a me occupar d'elle? Maria, a desgraça que hoje nos ameaça é outra; e...

MARIA.—Meu Deos! Fallai! ...

João.—É uma calamidade bem triste! para quem ama os seus semelhantes, e sente os infortunios que a má sorte lhes acarreta, neste curto viver que nos deixa a peregrinar pelo mundo. Ha dois dias perdeu-se o brigue Portuguez «Formoso» vindo de Lisbôa, com rumo a nosso porto. Batendo na coroa grande, fez-se em pedaços, mal dando tempo á parte dos passageiros e da tripolação salvar-se em uma lancha. Entre os passageiros salvos não veio o Sr. Eleuterio de Lima, entretanto elle fazia parte dos passageiros do brigue «Formoso». Oh! que morte o esperava!

MARIA.—Grande Deos! Nossa Senhora o soccorra!

João.—Já vem tarde a tua invocação! A estas horas será pasto dos peixes! Ha dous dias que o brigue quebrou-se e certamente o Sr. Eleuterio succumbio, e o seio do mar lhe serve de tumulo. Pobre rapaz! Elle talvez nunca desobedecesse a seu pai... Maria, aquella brincadeira da velha Esmeralda, em ler as sinas, vai se tornando seria, e a farça torna-se em um drama, com tragica peripecia.

MARIA.—Estou certa de que ella ha-de acabar em comedia, como principiou.

João.—Mas tú ainda não crês na buenadicha?

MARIA.—Meu pai, não posso crer. Fazer o que só a Deus é permittido fazer, não é de possibilidade humana, não obstante ver realisar-se tudo quanto prognosticou a cigana. Mas, como soubestes que, ha dous dias, o brigue Portuguez «Formoso» perdêra-se e que o Sr. Eleuterio vinha de passagem e naufragára?

João.—Julguei já ter te dito. A lancha, em que se mettêrão alguns passageiros e parte da tripolação, chegou no nosso porto. Coitados! Viêrão quasi mortos! Ião escapando do mar para morrerem á fome e á sede. Mas Deos não quiz que esses infelizes succumbissem ainda, e os ajudou a salvarem-se, sendo arrastados para as nossas praias pela impetuosidade da corrente. Ouvi d'esses infelizes a triste narração do que acontecêra ao brigue «Formoso» e elles são

unanimos em dizerem que virão o Sr. Eleuterio lutar corajosamente, por algum tempo, com as ondas enfurecidas e afrontar os rolos de mar que tentavão suffocal-o.

MARIA.—Ah! mas porque não o salvarão? Ha-de ser doloroso, meu pai, ver morrer assim um homem, e podendo ser-lhe util, não prestar-lhe os soccorros ao nosso alcance. Essa lancha...

JOÃO.—Vião seus companheiros, com pesar, as agonias do Sr. Eleuterio, e só appellarão para o favor da Providencia, como ha pouco fizeste, invocando a Nossa Senhora, mas... Maria se elle ao menos tivesse um mastro, uma verga, ou um pedaço de convez, a que se agarrasse!... porem não virão boiar junto d'elle nada a que se podesse agarrar. A noite o occultou ás vistas dos seus companheiros, e o mar o escondeo para sempre. Infeliz Eleuterio! A lancha não tinha governo, nem remos, e á tona d'agua andou assim. E como salvar o Sr. Eleuterio em taes circumstancias?

SCENA 3ª

Maria, João, Antonio e Rosa.

ANTONIO (*Maria beija a Rosa*).—Bons dias, Sr. Mauricio... D. Mariquinhas... Oh! trago-vos de mimo o isterico, o nervoso, o sentimentalismo, emfim, a mana Rosinha, que de fanequitos em desmaios, de desmaio em syncopes, tem me affligido tanto que já tenho medo della como do matrimonio! Logo que lhe noticieei a morte do amigo Eleuterio, zás, calio como um genipapo maduro, esparralhado no chão! Como se os seus ataques podessem dar vida ao nosso chorado amigo.

MARIA.—Rosa, muito sensivel nos é este golpe inesperado.

ROSA.—Eu já o esperava. Lembra-se, Sr. Mauricio, das prophcias da cigana Esmeralda?

JOÃO.—Infelizmente o acaso, ou o diabo, parece querer dar de codilho nos homens de sciencia, e zombar dos sabios, que contestão a veracidade da buenadicha, com o que as ciganas illudem a credulidade do vulgo. (*rindo-se*) Eu ri-me, quando devia chorar, mas o que querem? O Sr. Eleuterio morto, a velha Esmeralda, que tem tanto tino como um africano boçal, continuará a ter o arrojo de pretender levantar aos olhos de todos o véo do futuro, e patentear aos mortaes esses arcanos que só a Deos é permittido devassar. E o mais é que ella vae triumphar. Hoje é o dia 16 de Julbo de 1860, e foi em 16 de Julho de 1859 que ella

prognosticou ao Sr. Eleuterio uma sina bem desagradavel. Supponho que... foi a 16 de Julho, não. Sr. Antonio?

ANTONIO.—Visto que estamos a 16, não me resta duvida que hontem foi o dia 15 e que amanhã será o dia 17; a conta está certa.

João.—E a cigana Esmeralda dissêra que o Sr. Eleuterio não passaria vivo outro dia 16 de Julho. Ella nesse dia fez o diabo, penso que até leu a vossa buenadicha tambem, Sr. Antonio.

ANTONIO.—Se tudo realizar-se, terei nesse caso de andar sempre, como um babão, um pateta, atraz do cheiro de D. Catharina, e por fim, a flor ha de ser colhida por outro, e D. Catharina receberá os meus mimos, os meus presentes, enganando-me e dizendo: (*em voz de mulher*) «Senhor Tomquinho, é só ao Sr. que eu amo» (*falla natural*) Oh! e na minha ausencia, quando ás vezes não é nas minhas barbas, desafia a outros com o tiroteio de olhares ternos! Oh! isto é horrivel! É medonho como uma bocca desdentada!

João.—Resigna-te, Antonio, é a tua sina.

ANTONIO.—Mas isto é anti-constitucional. Oh! morra essa feiticeira do inferno, que me veio descobrir o negro do quadro em que tenho de figurar n'esta vida! Oh! seja ella reduzida a cinzas, já que advinha o presente, o passado e o futuro, como um Cagliostro, um demonio, uma mulher, pois não conheço diabo peor. Se eu fóra um Pedro Arbues...

MARIA.—O que faria o Sr. Antonio?

ANTONIO.—Mandava queimar essa cigana, essa feiticeira, depois, como Arbues, arrependia-me, e o papa me faria santo, se ainda tivesse poder para isso.

ROSA.—Eras injusto, meu irmão; Esmeralda não te quiz ofender, quando leu a buenadicha, a ti e aos teus amigos, e se esta realizou-se, não foi só contigo, o Sr. Julio...

João (*animado*).—D. Rosinha, dispense-me de fallar nesse ingrato.

ANTONIO.—Ingrato! Sr. Mauricio, talvez elle chegasse no vapor que já fundeou, e voltasse solteiro... como partira. Olha que sempre é vosso filho.

João.—Julio já não é meu filho; do vapor só espero as noticias de haverem salvado o Sr. Eleuterio.

ROSA.—E do Sr. Julio?

João.—Nada quero saber. Tenho esperanças de que o vapor, ou a galera franceza «Le Monde» que entrou, ha pouco, procedente de Marselha, ao passar pela nossa bahia de S. Marcos, avistasse ao Sr. Eleuterio agarrado a algum pedaço de pau, e que o salvasse. Quem sabe? Quando tudo isto nos falhe,

teremos noticias do Sr. Eduardo que anda, ha tantos mezes, encantado pela Italia. Recebi uma carta sua, ha dois mezes, vinda de Roma, subscriptada ao Sr. Julio Mauricio. Guardei-a na minha secretária, e por este navio devemos ter noticias mais modernas do nosso joven Eduardo.

MARIA.—Chegou a galera Le Monde?

JOÃO.—Sim, minha filha. Espero pelo seu commandante. Tem de levar os manifestos a alfandega, para dar entrada do navio.

MARIA (*para Rosa*).—Rosinha, chegarão as minhas encomendas.

ROSA.—Deveras? Teimaste em fazel-as?

ANTONIO.—Como D. Rosinha ficou alegre com a entrada do navio Le Monde. Querem ver que as taes encomendas são figurinos, fitas, flores, saias balões e outras teteias francezas?

MARIA.—Engana-se, é um véo e um vestido de noiva, que prometti a Rosinha, por ter apostado que antes do fim de Julho estaria ella casada. Se ella se casa, eu perco o véo e o vestido, e se ficar solteira, ella é obrigada a dar-me um lenço de labyrintho.

ROSA.—Hei de dar-te o lenço; o mez de Julho vai passando.

MARIA.—E aproxima-se o teu matrimonio.

ROSA.—Eu não me hei de casar.

JOÃO.—Essa é que tinhamos que ver. A senhora, bella, encantadora. . .

ANTONIO.—Olhe, Sr. Mauricio, se a quer para madraستا de D. Mariquinhas, ahi a tem, mas eu o previno, como amigo, que muito tem de gastar com aguas de canella, de flor de laranja, hortelã pimenta, assafetida, & & e muitos antipasmódicos: depois não diga que lhe vendi gato por lebre.

ROSA.—Como está esperto o namorado sem ventura.

JOÃO.—A minha idade não é de casamento. O Sr. Antonio tem desejos de desfazer-se de sua irmã?

ANTONIO.—Eu a quero muito, mas visto que o Sr. Mauricio me pergunta isso, devo ser franco. Quero, sim, já não posso aturar faniquitos, tremeliques, e suspiros de momento a momento. Será tamanha a minha felicidade quão grande a desgraça d'aquelle que a receber em matrimonio.

ROSA.—Foi a morte do Sr. Eleuterio que embruteceu o mano Antonio!

ANTONIO (*para João*).—Ahi a tem, veja se a casa o mais depressa possivel, que me fará o homem mais feliz deste mundo.

MARIA.—Mais feliz será aquelle que possuir este penhor (*beija a Rosa*).

ANTONIO.—Acha isso? Quando o marido entrar, como eu ha pouco entrei em casa, e dizer-lhe: «Rosa, sabes, o Sr. Eleuterio morreu afogado no mar» e a ver zas, espiçada no chão, pallida, com os labios roxos, sem falla, sem sentidos, e elle a gritar, a chamar quem venha soccorrer a D. Rosinha que está com ataques de flautulencia, então eu cruzarei os braços como os tyranos de tragedia e perguntarei ao futuro meu cunhado: Qual de nós é o infeliz?

JOÃO.—Pois bem, fica ao meu cuidado o casamento de D. Rosinha.

ANTONIO.—Muito bem; não se descuide de abreviar isso; mas fique sabendo que nada ha mais insuportavel de se aturar, do que um noivo visitador da noiva, e espero que não me arranque essa praga. Agora vou á rampa indagar novidades do Le Monde e do vapor do Sul. Oh! se Eleuterio salvou-se! Se ainda eu o apertar nos meus braços, mato-o de satisfação. Escapa do mar, não escapa da minha alegria (*sahe*).

SCENA 4.^a

Maria, João e Rosa.

MARIA.—Pobre Sr. Eleuterio, o que espera por elle!

ROSA.—Morrer é um alivio.

JOÃO.—Para os covardes, para os fracos, e para aquelles que não acreditão na providencia de Deos. D. Rosinha falla em alivio no morrer. Perder a vida na primavera dos annos, é um alivio? D. Rosa, eu e a sua amiga Maria, sabemos que a senhora amou a Julio Mauricio, e que esse amor não fôra correspondido por elle. A senhora disse a Mariquinhas que já tinha apagado do seu coração esse fogo que muito a abraçava; Julio não era digno da senhora, nem merecedor desse amor que lhe dedicava, quando eu conheço um joven não menos bello que Julio, que morre pela senhora, e que leva dia e noite suspirando tristemente. Se a senhora foi infeliz, amando a Julio, eu não o fui menos, como seu pai. A senhora tem ainda o Sr. Paulo dos Santos, que a ama, e eu a minha Mariquinhas. Já vê que, no meio da tempestade, surge a bonança. Os nossos martyrios, os nossos infortunios, são em parte suavizados com os amores que nos restão. Despreze o ingrato e ame a quem deve amar.

ROSA (*chorosa*).—Oh! eu sou muito infeliz!

JOÃO.—Estarei enganado? Por ventura ainda conservaes em vosso coração o amor que nelle aninhastes e dissestes a vossa amiga já tel-o extinguido de todo?

ROSA.—Não vos engano, Sr. Mauricio, hoje temo só o desprezo do Sr. Paulo.

MARIA (*à parte*).—Mal sabe ella que o dote garante-lhe o amor de Paulo. (*alto*) Enganas-te, Rosa, elle ama-te, e tem ainda esperanças de possuir-te.

ROSA.—Esperanças!

JOÃO.—Quem não as tem? A esperança é o doce desta vida asêda; é a luz deste mundo de trevas, a alma da nossa alma; emfim a esperança é como a mulher, porque sem ella o mundo seria um inferno. A senhora que é ingenua como o nome da flor que lhe derão, innocente e candida, não deve ser má. Deixai que o perfume de vossa belleza torne-se o ambiente daquelle que vos consagra, ha tanto tempo, o seu coração. Sêde o seu bom anjo, encaminhando-o para a ventura, e convencei-vos de que a sua felicidade póde reflectir tambem sobre vós, como uma luz tornando ao fôco que a projecta. Julio ja deve estar casado com D. Angelica. Quando me deixou ha tres mezes, foi com essa intenção e proposito.

ROSA.—Casar-se com a viuva do vosso detractor! Com a viuva...

JOÃO (*formalisado*).—Senhora, fallaes de meu filho (*cahindo em si*). É verdade, casar-se com... mas D. Angelica não teve culpa das infâmias praticadas por seu defunto marido... Oh! eu a estimára muito! Mas Julio... esse filho que tanto amei... partio... deixou-me... e ha tres mezes que não o vejo e nem novas d'elle tenho tido... Quantas angustias em um anno tem tido o meu coração. Se elle me tivesse comprehendido!... Desgraçado!... O pai queria esse consorcio, mas o homem de bem o repellia. (*triste*) Elle tudo podia conseguir sem magoar o coração de seu pai, sem lhe agitar o espirito fortemente, sem fazer echoar com tanta força o grito de angustia arrancado do peito paterno. (*resignado*) Deixemos o passado, curemos do presente. D. Rosinha, a senhora deve casar; attenda que o casamento é a senatoria das mulheres?

ROSA.—Achaes que devo casar-me? Com quem?

JOÃO.—Com o Sr. Paulo dos Santos, que vos ama. A senhora deve ter medo do nome de tia; olhe que é o susto de todas as moças solteiras.

MARIA.—E eu muito gosto desta vida de tia (*vai ao fundo e volta*) Ah! vem o Sr. Paulo. Que novidade trará elle?

SCENA 5.^a

Maria, João, Rosa e Paulo.

PAULO.—Bons dias, Sr. Mauricio; minhas senhoras, recebe os meus cumprimentos.

João.—O que nos trazeis de novo?

PAULO.—Nada adiantei do que sabíamos esta manhã. Chegãrão mais alguns homens que se poderão salvar, agarrados à parte do convez que o mar espedaçara, e dizem ter visto Eleuterio sumir-se nas ondas.

MARIA.—Coitado! Tão moço! Um dos melhores amigos de Julio!

ROSA.—Era um bom amigo... Depois da morte as virtudes do individuo apparecem, em toda a sua belleza; porque então é a voz do tumulto que falla, isenta de paixões.

PAULO.—Não é só depois da morte que se elogia o homem. Muitos tenho eu visto elogiados em vida, e Eleuterio é um desses, que morrendo, minha senhora, deixa aos seus amigos verdadeira saudade. As indagações que se forão fazer a bordo da galera Le Monde e do vapor do Sul, são os ultimos recursos que nos restão, e como o naufrago agarra-se a tudo, para salvar-se, nos devemos calar em vista de todos os meios possiveis, para não perdermos as esperanças de se ter salvado o nosso amigo. Se esses dois barcos nada adiantarem, restar-nos-ha o luto.

ROSA.—Ainda não se sabe nada do vapor?

PAULO (*triste*).—As malas vierão agora para terra, mas José e Luiz forão a bordo saber do commandante, não só noticias de Eleuterio, como do Rio de Janeiro. Oh! temo que as prophcias da cigana em parte se realizem.

ROSA.—Mano Antonio foi tambem a bordo do vapor?

PAULO.—Vosso irmão?... deixei-o... pobre basbaque.

ROSA.—Aonde o deixastes?

João.—Querem ver que a namorar?

PAULO.—Deixei-o como um pateta rendendo finezas a D. Catharina que o penteava perfeitamente, namorando a outro.

ROSA.—O Sr. esteve lá?

PAULO.—Não, minha senhora. D. Catharina estava á janella e o Antonio na rua, sem ver que do sobrado vesinho um rapazola catrapiscava a sua Catharina, aquem elle pretendia enternecer, narrando o infeliz naufragio de Eleuterio, carregando nas cores do quadro que delineava, afim de enternecer o coração empedernido de sua bella. Oh! que triste papel representava elle! É ou não pateta, o homem que se apaixona, que ama, que morre de amores por uma mulher? Oh! ellas não valem o amor de um homem!

João.—Quando se ama, e não se é correspondido pelo objecto de nossa paixão, pode-se blasfemar assim, como o Sr. Paulo fez agora; mas quando se é amado por aquella que amamos,

não se hesita. No caso do Sr. Paulo, a mulher vale o amor de um homem, ou ainda mais do que isso.

PAULO.—Eu não amo. (*olha para Rosa e suspira*) Oh! já não sei amar! Murchou em meu peito a flor do amor, cahirão-lhe as pétalas, tenho o coração despido como um jardim sem cultivo.

JOÃO.—Outro tanto não diz D. Rosinha. Ella ama, e ama muito.

PAULO.—Talvez seja mais feliz do que eu. (*à parte*) Finjamos desapego.

JOÃO.—Ambos podem também ser felizes. Se ella amou a um criança, a um estonteado, já nem disso se lembra, como esqueceu-se de tal e . . .

PAULO.—Assim são todas . . . volueis, como um politico.

JOÃO.—Attenda-me. Hoje o amor que ella sente é nobre e digno d'ella. Hoje ama a outro . . .

PAULO.—E amanhã amará a outro . . . depois . . . a outro . . . e . . .

ROSA (*com nobreza*).—Sr. Paulo!

JOÃO.—O Sr. Paulo bem me percebe aonde quero chegar, Está difficultando o negocio, para obter a victoria mais cheia de gloria, é tactica dos generaes entendidos.

ROSA (*para João*).—Sr. Mauricio! Oh! deixe-o, deixe-o.

JOÃO (*para Rosa*).—Eu arranjarei tudo sem humilhar-vos diante do homem que deve ser vosso esposo. (*alto*) Senhor Paulo, não amastes a D. Rosinha?

PAULO.—E D. Rosinha esqueceu-se de Julio? Oh! elle deixou-a, mas seja dita a verdade, nunca lhe teve amor.

ROSA.—Outros sentião por mim aquillo que o Sr. Julio nunca teve.

PAULO.—Houve um homem que morria pela senhora.

JOÃO.—E ainda morre. (*indo ao fundo*) Alguem chega.

SCENA 6.^a

Ditos e Antonio.

ANTONIO.—Tudo perdido.

JOÃO.—D. Catharina desenganou-te?

ANTONIO.—A mim? (*à parte*) O maroto do Paulo já contou tudo que vio. (*alto*) Eu não fallo de D. Catharina . . . essa moça é o meu passa tempo . . . Oh! gosto muito de desfructal-a, mas . . . nada d'aquella cousa que chamão esposorio.

Ella é coquette como uma velha, que se lhe mete em cabeça casar. Eu fallava de Eleuterio.

MARIA.—O que soubestes? Está salvo?

ANTONIO (*atrapalhado*).—Eu... eu nada soube... nada que nos conserve a esperança de tornal-o a ver. Da galéra franceza ignoro se virão o nosso amigo... se o salvarão... Do vapor... oh! tudo são decepções, desapontamentos! e...

ROSA.—Veio algum passageiro conhecido?

ANTONIO (*atrapalhado*).—Vierão... sim... vierão... (*áparte*) Esta minha irmã tem uma bocca quente! É tagarella como um deputado pago pelo governo para defendel-o.

MARIA.—O Sr. Antonio está atrapalhado, veio como um foguete tocado por D. Catharina, para estourar aqui?

ROSA.—É um tonel de espirito!

ANTONIO.—Tudo o que quizerem. (*áparte*) Os diabos me levem se eu sei dizer a cousa, sem me espichar! Macacos me mordam, se não é assim. É difficil isto de diplomacia. (*alto*) Sim, senhores, vierão...

ROSA.—Quem.

ANTONIO.—Elles... elles...

MARIA.—Elles quem?

ANTONIO.—Os passageiros.

JOÃO.—D. Rosinha e Maria esperão algum hospede?

MARIA.—Eu... eu ninguem.

ROSA.—Nem eu... nada espero no vapor.

JOÃO (*áparte*).—Nutre ainda esperanças!

ANTONIO (*áparte*).—Juca e Lulú que lhe digam. (*indo ao fundo*) Eiles ahí vem.

SCENA 7.^a

Ditos, José e Luiz.

JOSÉ (*de joelhos de um lado de João*).—Perdão! Perdão!

LUIZ (*de joelhos do outro lado*).—Christo, do alto da Cruz, morreu perdoando aos judeus, seus verdugos, oh! vós deveis saber imitar o seu exemplo.

JOÃO (*perturbado*).—O que é isto, Sr. Juca? Sr. Luiz!

JOSÉ.—Sr. João Mauricio, sêde generoso e grande. A nobreza d'alma se revela nas acções que se praticão. Perdoar é um acto que sempre nos aproxima de Deus.

JOÃO.—Não vos comprehendo... Explicai-vos... o que é isto... ambos de joelhos a meus pés!...

LUIZ.—E d'aqui não sahiremos, sem obtermos o perdão.

João.—Perdão!... para quem?

José.—Para elles... para elles....

João.—Para vós? (*indicando ambos*).

Luiz.—Não... não...! é para Julio e D. Angelica.

João (*recuando*).—Meu filho! Ella! Oh! não, nunca os perdoarei!

José.—Nós vos supplicamos.

Luiz.—Sr. Mauricio!..

João.—Não!.. não!.. e não!

José (*erguendo-se*).—Pois bem. (*áparte*) Empreguemos o ultimo meio que nos resta, para conseguirmos o perdão. (*alto*) Sr. Mauricio, ordeno-vos que perdoeis a Julio todas as offensas que elle vos fez.

João.—Ordenaes-me? O que dizeis?

José.—Quereis que vosso filho, amaldiçoado por seu pai, vá, eternamente penando, bater ás portas do inferno, porque lhe fechastes as do céu? Arrependido, precisa do vosso perdão.

João (*assustado*).—Não vos comprehendo!

José.—Julio!

João.—Acabai.

Luiz (*áparte*).—O que irá elle inventar (*ergue-se*).

José.—É morto!

Todos.—Morto!

João (*tremulo e convulso agarrado a José*).—Diga-me, Sr. Juca... diga-me que elle vive, que só quereis arrancar-me o seu perdão... fallai, não me arremesseis para o tumulo, com a dôr de sua morte. O golpe descarregado por vós, assim... Oh! é de matar, dizei-me, Julio vive!...

José.—Para continuar a ser amaldiçoado por seu pai!

João (*em transporte*).—Não... para perdoar-lo!

SCENA 8.^a

Ditos, Julio e Angelica.

JULIO (*ajoelhando-se e Angelica*).—Meu pai!

João (*recuando*).—Sr. Julio... D. Angelica!

JULIO.—Vosso filho!... vossa filha!

João.—Estarei sonhando? Elle vivo! vivo!

ROZA (*áparte*).—Nada mais me resta!

MARIA (*beijando Angelica*).—Minha boa amiga! minha irmã!

João.—Sua amiga! Sua irmã! Oh! Julio, vem... vem a meus braços!

JULIO (*abraçados*).—Meu pai! Meu bom pai!

JOÃO.—D. Angelica, o que vos detem? N'outro tempo offerecestes-me a vossa frente, hoje offereço-vos os meus braços... vinde!

ANGELICA.—Aqui estou, meu pai (*abraça João, e este beija-a na frente*).

JOÃO.—Tirei de sobre mim a pezada montanha que me opprimia. Oh meus filhos!

ANGELICA.—Como sou feliz!

ROSA (*áparte*).—E eu desgraçada!

JULIO.—Deixei-vos, meu pai, por que um ser estranho subiugou-me de fôrma tal, com uma força sobrenatural, difficil de explicar-vos. Eu me sentia arrastado, como se fosse levado pela impetuosidade de uma torrente, que longo tempo represada, afinal rompe os diques, arrebatando com violentude o que encontra. Fiquei surdo ás vossas ordens, cego para não ver o quadro que me pintavas de continuo, e impellido pelo destino, liguei-me áquella que a sorte me havia predestinado. Ou fosse a buenadicha ou o acaso, o certo é que nem aos vossos pedidos, nem ás vossas ordens attendi. O amor torna o homem rebelde e o conduz algumas vezes ao crime, mas este não me tornava indigno aos olhos de todos, por que Angelica era um anjo, após quem eu corria. Já vistes, meu pai, que o amor não dá rasão senão ao amor. Deixei-me levar pela corrente, e disse commigo mesmo: ou a cigana mentio, ou a buenadicha sae certa, e eu esposar-me-hei com aquella que, de dia para dia amo mais. Feliz, como se póde imaginar sel-o, só me faltava o vosso perdão. Eu o consegui por meio dos meus amigos, agora só tenho a lamentar a morte de Eleuterio.

SCENA 9.^a

Ditos e Eduardo.

EDUARDO (*de frade*).—A paz do Senhor esteja convosco, meus irmãos!

TODOS.—Um Frade!

EDUARDO (*deixando cahir o capuz*).—Um esposado da Igreja.

TODOS.—Eduardo! (*José, Luiz, Antonio e Paulo o abraçam*).

JULIO (*abraçando a Eduardo*).—Eduardo!... esposado da Igreja! Frade!... Oh! eis a noiva que em segredo lhe prognosticou a buenadicha.

EDUARDO.—E tu, Julio? Ali vejo D. Angelica, de cuja viuvez Antonio deu-me parte, e com quem te ligaste, pelos

laços, do hymineu. Oh! nesse tempo em que me martyrisaste! . . .

JULIO.—Eduardo, meu amigo, perdoa-me o muito que te fiz soffrer. Eu amava muito n'esse tempo, em que escarnecia o teu amôr. Para desabafar o meu infortunio, essa terrível decepção por que passei, vociferava, maldizia a todos, que amavão, e fugia-me inimigo atroz dos apaixonados. Procurei no jogo, nas extravagancias, que um rapaz pode imaginar e executar, o meio de apagar do meu coração o nome da mulher que eu amava, e tudo foi debalde. Angelica era a minha dilecta, aquella que occupava os meus pensamentos, mas estava casada! Oh! respeitando-a, não a amava menos. Morreu seu inleliz esposo, em mim operou-se uma mudança completa, cujo resultado vós presencias. Eu espousei-me com Angelica, a quem amo mais do que a mim mesmo, e agora, abençoado por meu pai, no meio dos meus velhos amigos, sou feliz, (*abraçando Angelica*) apertando aquella que me dá tantas venturas. (*para D. Rosa*) Desculpe, D. Rosinha, estes transportes de alegria. . . mas. . .

ROSA.—Não admira, senhor, vêr um marido abraçar sua mulher, não ha cousa mais natural. Nemisso deve fazer arripiar os cabellos a um frade.

EDUARDO.—É assim. As prophcias da cigana Esmeralda realisárão-se. Eu casado com a Igreja, noiva que em segredo me deu a buenadicha, Julio com uma viuva, Antonico, namorando sempre. . . Eleuterio, morto. . . oh! . . . os Srs. não podem fazer ideia do golpe que levei a bordo, quando a visita de saude dêo-me a triste noticia da morte de Eleuterio! Nós nada vimos ao passarmos a bahia de S. Marcos, e Eleuterio decididamente morreu! E tú, meu amigo Paulo, o que fazes que não cumpres o teu destino? A minha demora em Maranhão é pequena, tinha de cumprir uma santa missão no Brasil e embarquei de Marcelha para cá, só para abraçar os amigos, e depois, irei ter com o Nuncio Apostolico, no Rio de Janeiro. De Roma escrevi-te, meu Julio, partecipando-te a minha partida, e do habito que havia tomado; e admira-me. . .

JOÃO.—Essa carta não encontrou a Julio em Maranhão, e como elle ao partir não me disse o destino que levava, guardei-a.

EDUARDO.—Eis porque sorprehendeo-vos estes trajes, e a minha chegada.

ANGELICA.—Sr. Eduardo, já que chegastes tão a proposito, abençoi também a minha união com Julio Mauricio, que

será sempre o mesmo amigo do Sr. Eduardo. . . digo. . . do
Rm.º Fr. . .

EDUARDO.—Eduardo de Santa Mathilde.

JULIO.—O nome d'aquella que amou! Eduardo, essa infeliz morreu.

EDUARDO.—Para todos. . . para o mundo. Mas, Julio, é preciso que em tudo e por tudo a cigana triumphe.

JOÃO.—Já tenho meus planos a esse respeito. A Sra. D. Rosinha vae casar-se.

ANTONIO.—Minha irmã quer ser freira (*ri-se*).

ROSA.—Freira eu! Oh! não, não quero. A vida do claustro deve ser detestavel.

JOÃO.—Certamente que sim, muito principalmente para vós que sois bella e amada. Sr. Paulo dos Santos, D. Rosa accita de todo coração o vosso pedido, e hoje mesmo marcaremos o dia das bôdas.

PAULO (*alegre*).—Será possivel? Oh! sou feliz.

JULIO (*para Paulo*).—Pilhaste a fortuna!

PAULO (*áparte a Julio*).—E aquella a quem amo. (*áparte*)
Respiro!

JOÃO.—Será o nosso Fr. Eduardo de S. Mathilde, quem deve unir os nossos noivos á face da Igreja.

JULIO.—Eu me comprometto a conseguir a mão de D. Catharina, para. . .

ANTONIO.—Alto lá! amigos, amigos, negocios áparte. Não te vás comprometter em cousas que me podem comprometter. Eu gosto desta vida livre e folgazã, e uma mulher. . . (*com malicia*) perdoem-me, minhas senhoras, uma mulher é um fardo muito pesado para um homem. . . E demais, quero que em tudo e portudo se realise o que nos prophetizou a cigana Esmeralda, como deseja o nosso amigo Fr. Santa Mathilde.

SCENA 10.^a

Ditos e Esmeralda.

ESMERALDA (*na porta*).—Faz hoje um anno, foi no dia de N. S. do Carmo, a 16 de Julho de 1859. . . Quem me dá uma esmola?

TODOS.—A feiticeira Esmeralda?

ANTONIO (*furioso*).—Miseravel bruxa!

ESMERALDA.—Eu só peço uma esmola, não vim implorar a vossa cólera.

JULIO (*dando uma esmola a Esmeralda*).—Esmeralda sou feliz!

ESMERALDA.—Eu vos prognostiquei isso.

JOÃO.—Esmeralda, teme da fogueira que reduz a cinzas os corpos das feiticiras, das nigromantes. Se a inquisição ainda existisse, passarias por um auto de fé.

ESMERALDA.—Accreditação em fim que o futuro não pertence só a Deos?

SCENA 11.^a

Ditos e Eleuterio.

ELEUTERIO (*vestido de calça e camisa branca, descalço, e com um pedaço de remo nas mãos. Entra, batendo no hombro de Esmeralda*).—Só a Elle pertence, impostora do inferno.

ESMERALDA.—Ah! vós! (*foge espavorida*).

SCENA 12.^a

Ditos, menos Esmeralda.

Todos (*correndo a Eleuterio*).—Eleuterio...! (*os homens o abraçam*).

ELEUTERIO (*abraçando a todos*).—Por vida minha, com um resultado destes vale a pena naufragar-se.

JULIO.—Salvo! Oh! e todos que te julgavão morto.

ELEUTERIO.—Salvo por graça de Deus, e de um barril de azeite doce, que me susteve de ir a pique e dar o canastro.

JULIO.—Eleuterio, como podestes escapar?

ANTONIO (*examinando a Eleuterio*).—Não morreu! E em que estado chegou elle? Essa roupa não é tua! fica-te tão curta...

ELEUTERIO.—Escutem-me. O brigue Formoso que chamarei sempre—Feio—bateu na corôa grande, e fez-se em pedaços. Alguns passageiros e homens da tripulação mettêrão-se na lancha que poderão agarrar, á fim de se salvarem.

JOÃO.—É verdade; salvarão-se já.

ELEUTERIO.—Mas eu apenas tive tempo para agarrar-me ao tal barril que fluctuava junto de mim, e qual Bacho montado na pipa, servi de ludibrio ás ondas, andei de molho toda a noite e no dia seguinte achei-me nas praias do Itaculumim, pregado ao meu libertador, que cansado com o peso da carga, veio baldear-me em terra. Extenuado de forças, fiquei como desmaiado; e quando dei acôrdo de mim, já o sol era metido. Merto de fome, já temendo estar perdido e sujeito a morrer coado, ou por não comer, vi aportar a mesma praia

um casco com uma vèla vermelha, e delle saltarem tres homens. Que alegria não foi a minha, reconhecendo e sendo reconhecido por um desses homens, o que mais se azatamava para salvar alguns barris de azeite doce e de vinho, que tinham ido pescar pelo oceano, depois do naufragio do brique—Formoso?!

JULIO.—Algum amigo velho?

ELEUTERIO.—O Sr. Simplicio Moraes!

TODOS.—Simplicio Moraes!

ELEUTERIO.—Sim, aquelle que ha um anno vendeu-me um moleque para ter dinheiro com que comprasse vestidos e adornos para as filhas irem aos bailes. Pobre homem! Não podendo supportar o luxo, esquecendo-se delle o deputado que lhe promettia um rendoso emprego, suas filhas entregáram-se á devassidão, desgraçáram-se, e o pobre homem vive no Itaculumin, exercendo o officio de S. Pedro antes de ser apostolo, e quando se chamava Simão.

ANTONIO.—Pescando mercadorias naufragadas?

ELEUTERIO.—E arrependido, não?

ANTONIO.—Como uma Magdalena?

JULIO.—Mas uma victima do luxo mal entendido. Eleuterio salvando-se; pulverizou as prophcias de Esmeralda (*reparando que Esmeralda falta*)... Mas onde está Esmeralda? Pobre cigana! Fugio, desmentida mais uma vez.

EDUARDO.—E mais um manifesto da bondade divina, Eleuterio, a consideração da tua vida.

ELEUTERIO.—Eduardo Frade! Como diabo arranjaste isso? Confesso-te que mesmo em novo perigo, como aquelle em que ha dous dias me vi, não prometto ser frade... frade! Oh! Eduardo, que doudice foi essa?

EDUARDO.—Com os preparatorios que tive no Seminario, obtive de sua Santidade um breve para entrar na Ordem Benedictina, e agora vou ao Rio de Janeiro em missão especial. O patrimonio de S. Pedro está exaustão; e a guerra o entisica todos os dias, e sua Santidade envia-me a promover entre os Christãos do Brasil, uma subscrição espontanea para a sustentação do poder temporal, que Garibaldi, Cavour, o Rei Victor Emmanuel e toda a Italia atacam insurreccionalmente. A crise porque está passando a Santa Igreja não a torna escrupulosa em conceder ordens, e eu torci-me Frade. Oh! soffri muito no mundo profano, e quiz ser feliz na meditação do claustro.

ELEUTERIO (*á parte*).—E tũ, meu Paulo, o que tem feito?

JOÃO.—Muito, em pouco tempo. Conquistou hoje a mão de D. Rosinha.

ELEUTERIO.—Paulo noivo! Agua molle em pedra dura...
D. Rosinha teve de ceder a sua constancia.

ANTONIO.—Eu tambem me caso.

ELEUTERIO.—Com quem?

ANTONIO.—Com a liberdade, que me ha-de deixar a senhora minha mana.

JULIO.—Meus amigos, hoje deviamos jantar com o nosso amigo Eleuterio, conforme o convite que nos fez o anno passado, em sua casa, mas o seu estado de naufrago...

JOÃO.—Não permite que elle desempenhe a sua palavra, e ninguem terá de protestar a sua letra, porque eu a satisfarei. Espero que todos jantem hoje commigo. Será o jantar de annos, visto que o Sr. Eleuterio nasceu neste dia, será o jantar de bôdas, porque o meu Julio chegou casado com aquella que sempre muito estimei; será o jantar de noivado, porque o Sr. Paulo marcará hoje o dia de suas nupcias, tendo em nosso seio o amigo de todos, o Sr. Fr. Eduardo de Santa Mathilde.

ELEUTERIO.—De Santa Mathilde! Ah! agora tudo comprehendendo! Pobre Eduardo!

JULIO.—Meu pai tem razão. Vós todos jantareis commoço.

ANTONIO.—E bem lembrado, mas com uma condição.

JULIO.—Falla.

ANTONIO.—De não deixarem apparecer a maldita cigana Esmeralda.

JULIO.—Nós te garantimos que não verás a cigana nem ouvirás suas prophecias, como ha um anno aconteceu.

JOÃO.—Julio, manda convidar o Sr. Arthur e os outros amigos, que estiverão reunidos em casa do Snr. Eleuterio o anno passado.

JULIO.—Sim, meu pai.

EDUARDO.—Menos a Esmeralda, que Antonio detesta horriavelmente.

LUIZ.—Fóra com a cigana.

JOSÉ.—Feiticeira de uma figa; os diabos a levem.

ANTONIO.—E a quem crer nas suas buenadichas. Todos os mais virão.

TODOS.—Vivão! Vivão!

ANGELICA.—Mana, não queres que te leião a sina?

MARIA.—Não, minha bôa irmã, porque não acredito em bruxas, e muito menos em buenadichas.

FIM DO EPILOGO.